

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Matheus Engelman Astarita

**HASBARÁ: UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE PROJEÇÃO
INTERNACIONAL EMPREENDIDAS PELO ESTADO DE ISRAEL**

PORTO ALEGRE

2023

Matheus Engelman Astarita

**HASBARÁ: UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE PROJEÇÃO
INTERNACIONAL EMPREENDIDAS PELO ESTADO DE ISRAEL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharela em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas

PORTO ALEGRE

2023

Matheus Engelman Astarita

**HASBARÁ: UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE PROJEÇÃO
INTERNACIONAL EMPREENDIDAS PELO ESTADO DE ISRAEL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial à obtenção de título de Bacharel
em Relações Públicas.

Aprovado em: _____ de _____ de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Dr. José Guibson Delgado Dantas — UFRGS
ORIENTADOR

Ana Cristina Cypriano Pereira — UFRGS
EXAMINADORA

Helenice Carvalho — UFRGS
EXAMINADOR

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha profunda gratidão a meu pai José Antônio Fernandes Astarita e minha mãe Sara Rebeca Engelman Astarita. Sem o amor, o apoio incondicional e os sacrifícios que fizeram ao longo de todos esses anos, esta conquista não teria sido possível. Eu sei que muitas vezes eu não correspondo às expectativas. Agradeço pelo fato de vocês me permitirem seguir meu próprio caminho, mesmo às vezes percebendo que não levaria a lugar nenhum. Todos os erros são parte do meu crescimento. Vocês são meu alicerce e inspiração. Em segundo lugar, quero dedicar este agradecimento à minha irmã Paula Engelman Astarita. A filha responsável. O oposto de mim. Obrigado por me apoiar quando cometi o maior erro da minha vida. Amo vocês.

Agradeço também à minha tia do coração Leila da Gama Ettrich, que mesmo sabendo que eu não era um aluno tão dedicado, nunca deixou de me dar uma chance de tentar. Obrigado pelas bolsas e por abrir tantas portas que me levaram a uma Universidade pública, gratuita e de qualidade.

Gostaria de estender meus agradecimentos às Professoras Enoí Dagô Liedke e Helenice Carvalho. Elas foram as primeiras a acreditar em mim, mesmo quando eu tinha dúvidas sobre minha própria capacidade. Carinho e afeto também são fatores importantes na formação das pessoas. Nunca vou esquecer da sua influência positiva em minha jornada.

Não posso deixar de expressar minha profunda gratidão à Professora Ana Cristina Cypriano Pereira. Além de nunca desistir de mim, ela fez o impossível para me ajudar a alcançar este marco importante em minha vida e possibilitar que eu terminasse o curso. Sua determinação e apoio incansável foram cruciais para superar desafios e dificuldades ao longo do caminho. Obrigado por aquele telefonema que mudou tudo.

Quero expressar minha sincera gratidão ao Professor Guibson Dantas. Ficou sabendo da minha história, e espontaneamente se dispôs a ser parte fundamental para que eu pudesse me formar. Sua coragem e persistência ao embarcar nesta aventura acadêmica comigo não apenas me inspiraram, mas também enriqueceram minha jornada de aprendizado. Sua dedicação ao ensino e sua capacidade de motivar os alunos foram inestimáveis.

Por fim, quero agradecer aos meus amigos. Sua amizade e apoio ao longo desta jornada foram fundamentais. Nos bons e maus momentos, vocês estiveram ao meu lado, me

incentivando e compartilhando deste desafio. Mesmo quando ninguém mais acreditava, vocês tentaram. Cada um de vocês tem um lugar especial no meu coração, e esta conquista também é de vocês

Na Basileia, eu fundei o Estado Judeu. Se eu dissesse isso em voz alta hoje, receberia como resposta uma gargalhada universal. Mas, senão em cinco anos, certamente em cinquenta todo mundo vai saber.

Theodor Herzl.

RESUMO

O início do século XXI caracteriza-se por ser um período em que os Estados buscam fortalecer sua presença no sistema internacional por meio de intervenções militares e embargos econômicos, como também por instrumentos de poder brando. É o caso do Estado de Israel, que desde sua fundação enfrenta problemas em relação à sua própria legitimidade como país. Por conta dessa imagem internacional controversa, o Estado de Israel passou a investir em estratégias de projeção internacionais com o intuito de fortalecer o *soft power* do país e, conseqüentemente, melhorar seu trânsito com os demais atores que integram o sistema internacional. Com o propósito de analisar esse fenômeno na ótica das relações públicas internacionais, esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de identificar as estratégias de projeção internacional empreendidas por Israel. Para a sua elaboração, optou-se por uma construção metodológica qualitativa composta por uma pesquisa bibliográfica com o fim de construir um corpus teórico que facilitasse a identificação das referidas estratégias. A título de conclusão, verificou-se que o Estado de Israel se utiliza do turismo religioso, a liberdade de gênero, a memória do povo judeu e os intercâmbios acadêmicos como estratégias de projeção internacionais que visam fortalecer o *soft power* do país.

Palavras-chave: Israel, *soft power*, imagem internacional, reputação, relações públicas internacionais.

ABSTRACT

The beginning of the 21st century is characterized by being a period in which States seek to strengthen their presence in the international system through military interventions and economic embargoes, as well as through soft power instruments. This is the case of the State of Israel, which since its foundation has faced problems regarding its own legitimacy as a country. Due to this controversial international image, the State of Israel began to invest in international projection strategies with the aim of strengthening the country's soft power and, consequently, improving its transit with the other actors that make up the international system. With the purpose of analyzing this phenomenon from the perspective of international public relations, this research was developed with the objective of identifying the international projection strategies undertaken by Israel. For its preparation, a qualitative methodological construction was chosen, consisting of a bibliographical research in order to build a theoretical corpus that would facilitate the identification of the referred strategies. In conclusion, it was found that the State of Israel uses religious tourism, gender freedom, the memory of the Jewish people and academic exchanges as international projection strategies that aim to strengthen the country's soft power.

Keywords: Israel, soft power, international image, reputation, international public relations.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Vista da Cidade Velha de Jerusalém (2017).....	27
Imagem 2	Aeroporto de Tel-Aviv (2018)	28
Imagem 3	Copa do Catar (2022).....	30
Imagem 4	Expo Shanghai (2010).....	32
Imagem 5	Festival Glastonbury (2018).....	33
Imagem 6	Comemoração dos 230 anos da Queda da Bastilha (2019).....	34
Imagem 7	Bienal de Veneza (2022).....	34
Imagem 8	Capa do jornal L’Aurore.....	39
Imagem 9	Declaração de independência de Israel.....	40
Imagem 10	Jovens judeus desembarcando em Israel.....	42
Imagem 11	Mapas de Israel e Palestina ao longo da história.....	43
Imagem 12	A Guerra dos Seis Dias.....	44
Imagem 13	Acordos de Abraham (2020).....	45
Imagem 14	Capa da Revista Time de setembro de 1982.....	48
Imagem 15	Bombardeios em Gaza.....	50
Imagem 16	Operação Lillehammer.....	52
Imagem 17	Parada LGBTQIA+ em Tel Aviv.....	56
Imagem 18	Poster do filme "A lista de Schindler" (1993).....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	As relações públicas internacionais.....	15
Quadro 2	Os atores internacionais.....	16
Quadro 3	O modelo estratégico de Kunsch.....	20
Quadro 4	Esferas de análise em relações públicas internacionais.....	21
Quadro 5	Tipologias de poder em Nye.....	24
Quadro 6	Mapa das civilizações de Huntington.....	25
Quadro 7	Dispersão dos judeus pelo mundo.....	36

SUMÁRIO

Introdução.....	13
CAPÍTULO 1 - AS RELAÇÕES PÚBLICAS INTERNACIONAIS A SERVIÇO DOS ESTADOS.....15	
1.1. O conceito de relações públicas internacionais.....	15
1.2. Abordagens em relações públicas internacionais.....	18
1.3. Projeção Internacional.....	22
1.3.1. Visões sobre Projeção Internacional.....	24
1.4. Estratégias de projeção internacional.....	26
1.4.1. Turismo.....	26
1.4.2. Esportes.....	29
1.4.3. Indústria Cultural.....	31
1.4.4. Eventos.....	31
CAPÍTULO 2 - O NASCIMENTO DO ESTADO JUDEU MODERNO.....36	
2.1. A diáspora do povo judeu.....	36
2.2. A fundação do país.....	38
2.3. A Lei do Retorno.....	41
2.4. Questões geopolíticas com os países árabes.....	43
2.5. Crises de imagem internacional.....	46
2.5.1. Sabra e Chatila.....	48
2.5.2. Incursões em Gaza.....	50
2.5.3. Operações malsucedidas do Mossad.....	51
CAPÍTULO 3 - A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM INTERNACIONAL POSITIVA DE ISRAEL.....54	
3.1. Estratégias de projeção internacional empreendidas por Israel.....	54
3.1.1. Israel como terra santa dos cristãos.....	54
3.1.2. Uma bolha colorida no meio do Oriente Médio.....	55

3.1.3. Memórias da Shoah.....	57
3.1.4. Intercâmbios acadêmicos.....	59
Considerações Finais.....	62
Referências bibliográficas.....	64

Introdução

O Estado de Israel, apesar de possuir área total de apenas 22.070 km² e ter menos de 10 milhões de habitantes, é um dos países que mais suscita inquietações na opinião pública internacional: por um lado, há os entusiastas, que o consideram um país fundado em terra santa, berço das grandes religiões monoteístas do mundo (judaísmo, cristianismo e islamismo) e exemplo de nação bem sucedida nas áreas de tecnologia, educação superior e democracia; por outro, aos milhares, há os detratores, que duvidam da sua legitimidade territorial por considerá-lo um país criado às custas do sofrimento das populações árabes que habitavam a Palestina - além de acusações de que interfere na política doméstica de outros Estados por meio da ação de seu serviço secreto.

Por conta dessa imagem internacional controversa, o Estado de Israel passou a investir em estratégias de projeção internacionais que visassem fortalecer o *soft power* do país e, conseqüentemente, melhorar seu trânsito com os demais atores que integram o sistema internacional.

Com o desígnio de compreender esse fenômeno na perspectiva das relações públicas Internacionais - subcampo das relações públicas que consiste num “conjunto de atividades e/ou estratégias de comunicação empreendidas com o intuito de harmonizar os interesses privados e públicos de um ator dentro do sistema internacional” (DANTAS, 2023, p. 2-3), deliberou-se desenvolver este estudo com o objetivo de identificar as estratégias de projeção internacional empreendidos por Israel.

Para isso, foi concebido um desenho metodológico qualitativo baseado nas ideias de Godoy (1995), composto por uma pesquisa bibliográfica com o fim de construir um corpus teórico que propiciasse ao pesquisador identificar estratégias consumadas por Israel para robustecer o seu poder brando.

A escolha do tema se deu pelo fato do pesquisador ser de origem judaica e ter várias experiências em Israel. Ele cursou o ensino fundamental e o ensino médio no Colégio Israelita em Porto Alegre, e durante a juventude foi membro de um movimento juvenil judaico sionista socialista, cujo principal objetivo era formar jovens críticos que fossem conhecer o país e trabalhar para uma sociedade mais justa e igualitária em Israel. Seguindo as diretrizes do movimento, teve a experiência de morar lá durante um ano para estudar e fazer trabalho social.

Em tempos recentes, foi outras três vezes com a missão de coordenar grupos de jovens judeus contemplados pela Lei do Retorno que foram conhecer as várias facetas de um país com uma cultura tão rica e cheia de história.

O presente trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro capítulo centra-se nas questões teóricas que nortearam a pesquisa: o conceito de relações públicas internacionais e as estratégias de projeção internacional.

O segundo capítulo centrou-se em um breve relato da história do Estado de Israel, desde a diáspora do povo judeu até as questões geopolíticas com os países árabes, passando pelas crises de imagem internacional que ocorreram desde os anos 80 do século passado. O terceiro e último capítulo consiste na exposição das estratégias de projeção internacional empreendidas por Israel, isto é, de que forma o país tenta construir uma imagem internacional positiva.

CAPÍTULO 1 - AS RELAÇÕES PÚBLICAS INTERNACIONAIS A SERVIÇO DOS ESTADOS.

1.1 O conceito de relações públicas internacionais

As relações públicas internacionais podem ser compreendidas como o conjunto de estratégias, práticas e processos de comunicação utilizados por países, organizações internacionais e outras entidades transnacionais para estabelecer e fortalecer relacionamentos positivos com diversos públicos ao redor do mundo. A referida subárea das relações públicas abrange tanto ações governamentais quanto iniciativas de empresas multinacionais, organizações não-governamentais e outras instituições com atuação global.

De acordo com DANTAS (2023, p. 2-3):

Relações públicas internacionais é um conjunto de atividades e/ou estratégias de comunicação empreendidas com o intuito de harmonizar os interesses privados e públicos de um ator dentro do sistema internacional. Com isso, busca-se melhorar a sua imagem perante a opinião pública internacional e demais atores. De um lado, tem-se o ator interessado em lograr seus objetivos (interesses privados) e, de outro, tem-se os atores ou públicos de interesse que configuram o sistema internacional que, por sua vez, também possuem seus propósitos (interesses públicos). É a harmonização desses interesses que converge para o desígnio da subárea em comento.

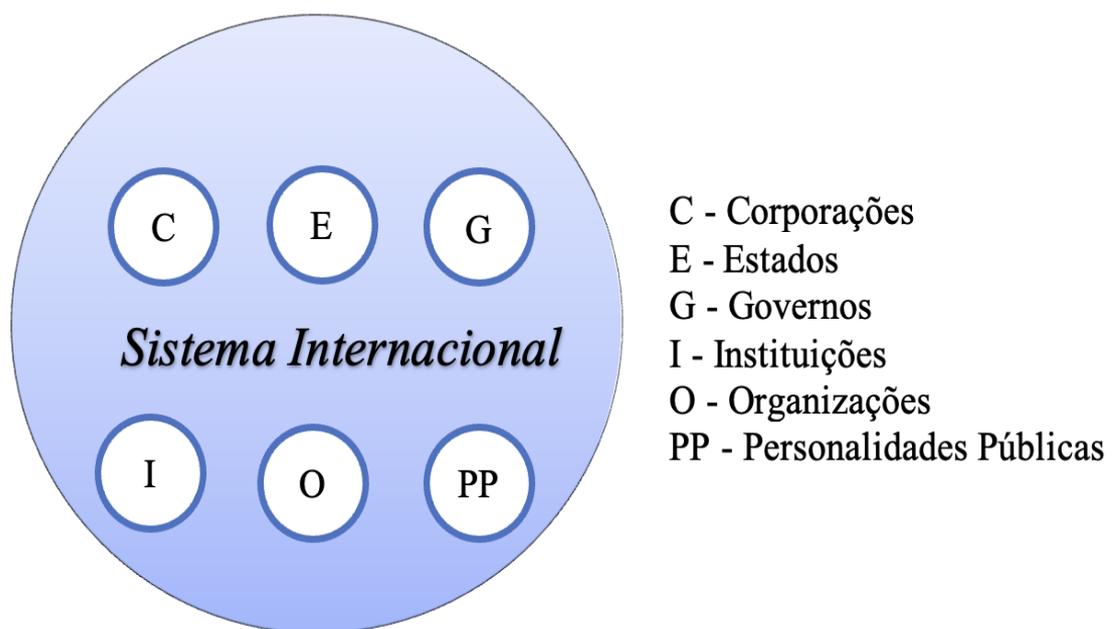
Quadro 1 - as relações públicas internacionais



Fonte: DANTAS (2023)

O sistema internacional do qual se refere Dantas (2023) pode ser entendido como o ambiente próprio das relações internacionais, isto é, um ambiente onde acontecem as relações internacionais. Dentro desse sistema, circulam vários atores internacionais, com características, interesses e particularidades próprias, que medem forças, formam blocos de ajuda mútua, estabelecem alianças e provocam crises que acabam tornando esse ambiente um lugar de interesse para várias áreas do saber. Entre os atores internacionais podemos destacar as corporações, os Estados, os governos, as instituições, as organizações e até as personalidades públicas.

Quadro 2 - os atores internacionais



Fonte: DANTAS (2023)

Entretanto, o conceito de relações públicas internacionais pode variar de acordo com diferentes autores e teóricos que discorreram sobre o assunto.

Grunig e Hunt (1984), descrevem relações públicas internacionais como um campo que envolve o gerenciamento das relações entre organizações e seus públicos internacionais. Essa abordagem se concentra na importância da comunicação estratégica e na construção de

relacionamentos mútuos e duradouros entre organizações internacionais e seus stakeholders em diferentes contextos culturais e sociais.

Para Pratt (1991), as relações públicas internacionais envolvem a aplicação de técnicas e estratégias de relações públicas em contextos internacionais para construir e manter relações positivas entre países, governos e organizações internacionais. Esse campo visa criar uma imagem favorável e uma compreensão mútua entre diferentes culturas e nações. Já Freitag e Stokes (2009), a definem como o estudo e a prática da comunicação entre organizações e públicos internacionais, considerando as dimensões culturais, políticas, econômicas e sociais que afetam as relações globais. Essa abordagem enfatiza a necessidade de adaptação das estratégias de comunicação para atender às especificidades de cada contexto internacional.

Outros pesquisadores que se dedicam a estudar as relações públicas no âmbito global, como Sriramesh e Vercic (2012), enxergam a subárea como a prática da gestão das relações entre organizações e seus stakeholders globais, levando em consideração as diferenças culturais e as particularidades dos sistemas políticos em todo o mundo. Eles destacam a necessidade de uma abordagem sensível à diversidade cultural e à comunicação intercultural nesse campo.

Acerca do macroambiente internacional das Relações Públicas, Brasil (1997, p.21) define as relações públicas internacionais como:

o conjunto de medidas, iniciativas, esforços, e formas práticas de ação e expressão que visam obter mais estreito e produtivo relacionamento entre os povos, no sentido de estimular e facilitar o entendimento, a coexistência e a cooperação entre eles; no sentido também de fomentar melhores e mais amplas atividades de intercâmbio comercial e industrial; e finalmente, com o objetivo de ampliar os níveis de cultura geral, através de mútuas facilidades de acesso aos respectivos patrimônios e instrumentos de cultura.

Por fim, Hoffjann (2020), defende a ideia de que as relações públicas internacionais envolvem a construção de redes de comunicação além das fronteiras nacionais e o gerenciamento das complexidades culturais que surgem nesse processo. Ele destaca a importância da compreensão das especificidades culturais e do contexto político para o sucesso das práticas de relações públicas em âmbito global.

Assim, ao analisar múltiplas formas de conceituação, podemos concluir que as relações públicas internacionais são um campo de estudos e práticas multidimensional que se concentra

na gestão estratégica da comunicação e no desenvolvimento de relações positivas e sustentáveis entre organizações internacionais e seus públicos em um contexto global. Em outras palavras, configura-se como uma abordagem sensível à cultura, a adaptação de estratégias e a compreensão das particularidades políticas são essenciais para o sucesso nesse campo.

1.2 Abordagens em relações públicas internacionais

James Grunig, um dos principais teóricos em Relações Públicas, desenvolveu o conceito de modelo de comunicação bidirecional. Segundo Grunig (GRUNIG, FERRARI e FRANÇA, 2009), relações públicas eficazes requerem um fluxo contínuo e interativo de informações entre as organizações e seus públicos. Essa abordagem ganha ainda mais relevância nas relações públicas internacionais, onde a diversidade cultural, a linguagem e as diferenças políticas podem afetar a compreensão mútua. A comunicação bidirecional permite uma melhor adaptação das mensagens e estratégias para alcançar resultados mais significativos nas relações entre países e organizações internacionais.

Entre os estudos acadêmicos específicos sobre as relações públicas governamentais, destaca-se Cândido Teobaldo de Andrade. O autor assim as define:

Relações Públicas Governamentais é o esforço deliberado, planejado, coeso e contínuo da alta administração pública, para estabelecer e manter uma mútua compreensão entre governantes e governados. (Adaptação da definição oficial de Relações Públicas da ABRP). Ou ainda, Relações Públicas Governamentais é o método de ação que, através do diálogo planejado e permanente entre governantes e governados, procura identificar o interesse social” (ANDRADE, 1979: 23).

Hugh Rank (1991) propôs o Modelo de Classificação para analisar as atitudes dos públicos em relação a determinado país ou organização internacional. Esse modelo classifica as mensagens em seis categorias: louvor, aprovação, aceitação, tolerância, indiferença e rejeição. Ao aplicar esse modelo nas relações públicas internacionais, os profissionais podem compreender como os diferentes públicos de outros países ou culturas reagem às ações e comunicações de uma nação ou organização, permitindo a adoção de estratégias mais efetivas para melhorar a imagem internacional.

Um outro autor, Roberto Porto Simões (1995, 2001, 2006), a enxerga como um processo de interação entre os atores e seus públicos, cuja finalidade é prever e controlar o exercício do poder desse relacionamento. “O resultado desejado é o estabelecimento e preservação de uma compreensão mútua entre os dois pólos desse sistema, isto é, entre a representação política e seus públicos” (CABRAL, 2023, p. 17). Em outras palavras, Simões propõe o estudo das relações públicas a partir do viés da política, pois defende a ideia que a essência da atividade é a relação de poder entre os atores envolvidos.

De acordo com Cabral (2023, p. 18), Margarida Kunsch (2003) está de acordo com a visão de Simões, pois observa que, na política, "as relações públicas se configuram numa importante ferramenta para intermediar a comunicação entre o agente político e seus públicos estratégicos".

As relações públicas internacionais podem ser vistas, também, como uma função estratégica no âmbito global. Devido ao seu caráter estratégico, Kleger (2008, p. 37) afirma que:

As Relações Públicas podem ocupar lugar de sujeito estratégico nas organizações, pois além de prever e planejar podem apresentar uma visão global da instituição e do ambiente. Tal habilidade proporciona respostas rápidas com base nas informações já existentes, ou se não existentes, com base em fontes que já são conhecidas, facilitando o contato e a formulação de ações estratégicas.

Kunsch (2023), por sinal, é outra autora que define as relações públicas como uma atividade de caráter estratégico. Segundo ela, as atividades de relações públicas são funções que:

Identificam os públicos, suas reações, percepções e pensam em estratégias comunicacionais de relacionamentos de acordo com as demandas sociais e o ambiente organizacional; supervisionam e coordenam programas de comunicação com públicos [...] Prevêem e gerenciam conflitos e crises que porventura passam as organizações e podem despontar dentro de muitas categorias: empregados, consumidores, governos, sindicatos, grupos de pressão etc. (KUNSCH 2003, p. 95).

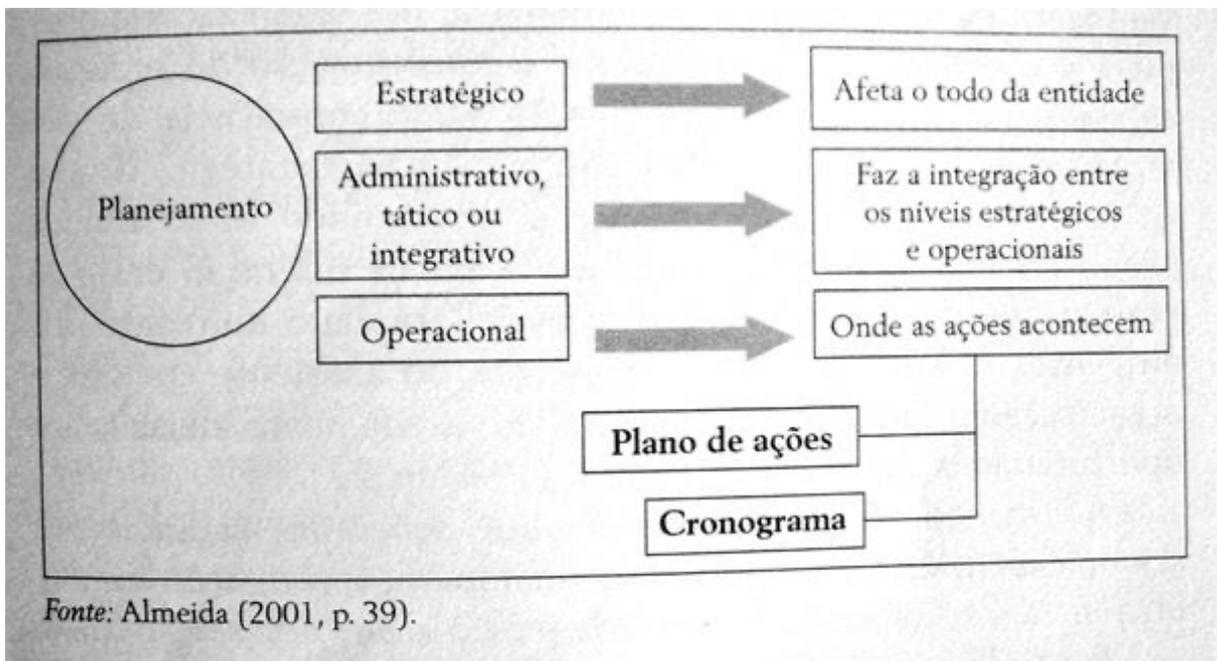
Já no que diz respeito a este planejamento estratégico, Kunsch (2006) afirma que ele é, de fato, como o melhor ponto de partida para um planejamento de Relações Públicas:

[...] O planejamento estratégico normalmente realizado pelas organizações é, em geral, a melhor fonte e o melhor ponto de partida para um planejamento de relações públicas com vistas à excelência e à eficácia da comunicação nas organizações. É exatamente por serem um instrumento que permite fazer um raio x da real situação da organização frente ao ambiente e ao mercado competitivo, no contexto da sociedade onde está inserida, que as relações públicas são consideradas uma função relevante, que precede às demais funções administrativas. (KUNSCH, 2006, p. 4)

Para legitimar sua tese - de que as relações públicas têm uma função estratégica -, "a autora relata que, através da sinergia entre as ações, sendo estas de acordo umas com as outras, esta comunicação será excelente"(SOUZA e TAVARES, 2018, p. 6):

[...] Os programas de ação propostos devem ser coerentes com a definição da missão, dos valores, dos negócios, dos objetivos e das metas estabelecidas pela organização. Esses são delineados, por meio de um planejamento estratégico da organização como um todo e, numa sinergia com a área de comunicação, hão de convergir para uma comunicação excelente e simétrica. Daí a necessidade de uma nova visão das relações públicas sob novos paradigmas e a adoção de um planejamento muito mais participativo. (KUNSCH, 2006, p. 12)

Quadro 3 - o modelo estratégico de Kunsch



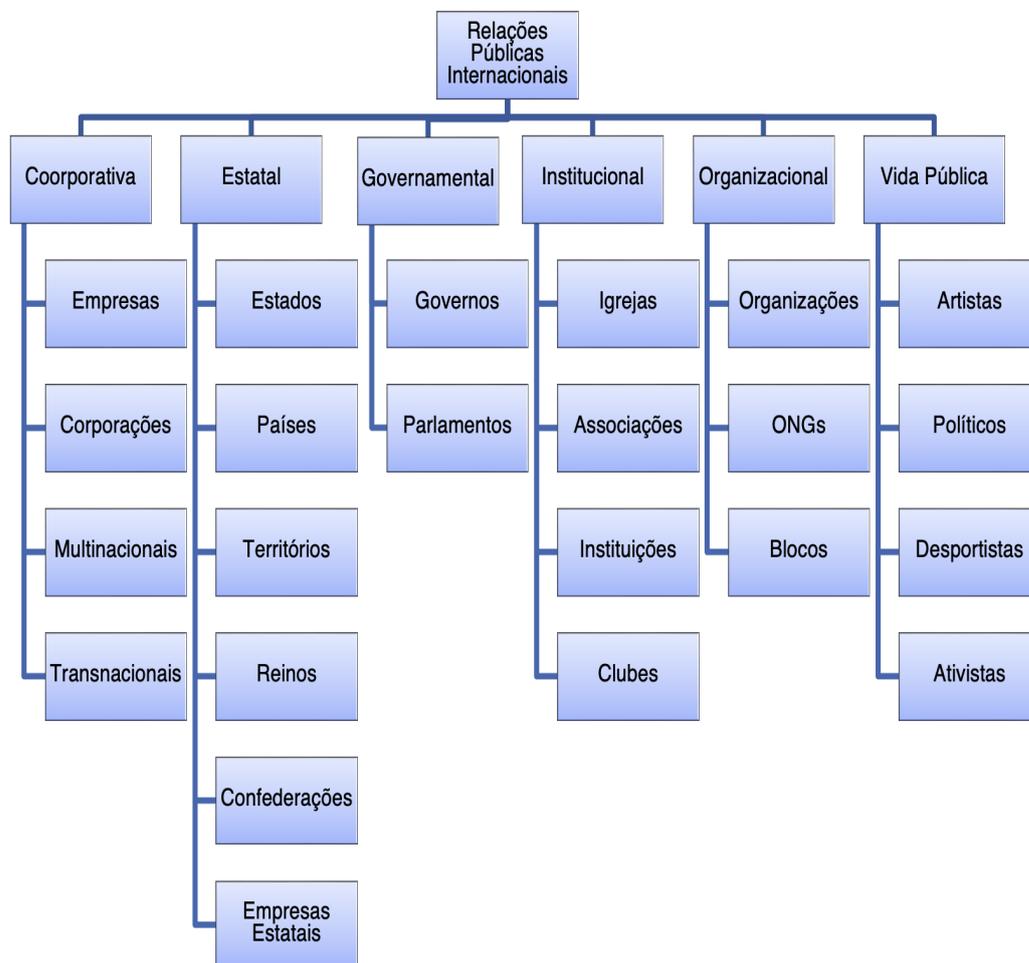
Fonte: Almeida (2001, p. 39)

Já Dantas (2023) afirma que, por conta da consolidação do processo de globalização (ARVATI e VENTURA, 2007), juntamente com o advento das novas tecnologias digitais de comunicação e informação, as possibilidades de análise no campo das Relações Internacionais

foram ampliadas, pois a própria configuração do atual sistema internacional passou a abrigar múltiplos e diversificados atores em meio a um ambiente que Mearsheimer (2001) considera anárquico.

Dessa forma, numa tentativa de reorientar o campo de análise das relações públicas internacionais a partir da interface entre as áreas de relações públicas e relações internacionais, Dantas (2023) propõe a constituição de seis esferas de atuação em relações públicas internacionais: corporativa, estatal, governamental, institucional, organizacional e vida pública.

Quadro 4 - esferas de análise em relações públicas internacionais



Fonte: DANTAS (2023)

Segundo o autor:

Na esfera corporativa, destaca-se a atuação de empresas, corporações, multinacionais e transnacionais. A esfera estatal é o locus no qual emergem os instrumentos de soft power, sendo observado o comportamento dos países,

com ênfase para a sua política externa e as estratégias de projeção internacional dos mesmos. Na esfera governamental, ganha relevo a paradiplomacia, isto é, o contato estabelecido por um Município ou Unidade Federativa com um agente internacional, com o objetivo de estabelecer, por meio de acordos e tratados, uma ligação entre ambas as entidades. Na esfera institucional, merecem realce as relações internacionais de instituições religiosas, associativas ou clubes. Na esfera organizacional, ressalta-se a elaboração de blocos econômicos e regionais, organizações não governamentais e organizações intergovernamentais, como, por exemplo, a Organização das Nações Unidas (ONU). Por fim, na vida pública, o estudo volta-se para as relações internacionais de personalidades públicas do mundo da moda, do esporte, do show business, do ativismo ou até político - caso este não tenha mais vínculo formal com nenhum Estado ou representação governamental, como é o caso de ex-presidentes (DANTAS, 2023, p. 5-6).

As relações públicas internacionais enfrentam desafios específicos, como as barreiras culturais e linguísticas, divergências políticas, sensibilidade às questões de soberania e identidade nacional, bem como as diferenças nas normas e práticas de comunicação em diferentes regiões do mundo. Além disso, crises internacionais, conflitos e notícias falsas podem afetar significativamente a percepção e a reputação de países e organizações internacionais.

Em suma, relações públicas internacionais ocupam um lugar essencial no cenário global contemporâneo, permitindo a construção de pontes de diálogo, cooperação e compreensão mútua entre países e organizações internacionais. Os teóricos apresentados neste texto contribuem para a consolidação desse campo de estudo, destacando a importância da comunicação bidirecional, das estratégias governamentais e da compreensão das atitudes dos públicos internacionais. Enquanto a globalização continua a moldar o mundo (ARVATI e VENTURA, 2007), as relações públicas internacionais permanecem como uma ferramenta indispensável para a construção de um ambiente internacional mais harmonioso e colaborativo.

1.3 Projeção Internacional

Um dos objetivos das relações públicas internacionais é a construção da reputação de um país por meio da projeção internacional. Com base em Queiroz (2019), entende-se como projeção internacional à capacidade de um país exercer influência, ser reconhecido e ter relevância em assuntos globais. Uma nação com projeção internacional é considerada

importante nas relações internacionais e é capaz de desempenhar um papel significativo em questões políticas, econômicas, sociais e culturais em escala global.

A projeção internacional de um país pode ser influenciada por vários fatores:

- Poder econômico

O tamanho e a força da economia de um país, bem como o seu envolvimento no comércio internacional, podem aumentar sua projeção global.

- Poder militar (ou *hard power*)

A capacidade de defesa e a presença militar de uma nação no cenário internacional podem afetar sua influência e sua posição em questões de segurança global (NYE, 2004).

- Diplomacia e relações exteriores

A habilidade de um país em conduzir relações diplomáticas eficazes com outras nações e participar de organizações internacionais é fundamental para sua projeção internacional (DANTAS, 2022).

- *Soft power*

O conceito de "*soft power*" envolve a capacidade de um país influenciar os outros através de sua cultura, ideias, valores, esportes, tecnologia, diplomacia pública e outros meios não coercitivos (DANTAS, 2023b).

- Participação em organizações internacionais

O engajamento ativo em organizações como as Nações Unidas, a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI), entre outras, pode aumentar a projeção internacional de um país (SEITENFUS, 1997).

- Participação em acordos e tratados internacionais:

Ser parte de acordos e tratados que visam resolver questões globais, como mudanças climáticas, comércio e segurança, pode aumentar a relevância de um país no cenário mundial.

Países com maior projeção internacional têm mais oportunidades de moldar agendas globais, influenciar políticas internacionais e participar de decisões importantes que afetam o

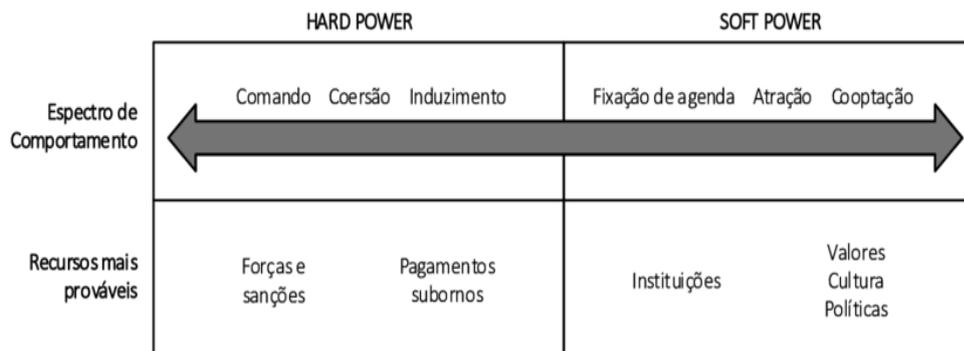
mundo como um todo. No entanto, vale ressaltar, a projeção internacional de um país é um conceito dinâmico e pode mudar ao longo do tempo, dependendo de fatores políticos, econômicos e sociais internos e globais.

1.3.1 Visões sobre Projeção Internacional

O conceito de projeção internacional - aqui entendido como a forma que um país se posiciona diante dos outros atores internacionais - pode ser abordado de diferentes maneiras e por diversos autores versados nas relações internacionais. Na sequência serão apresentadas as perspectivas de alguns autores.

Joseph Nye (2004) é conhecido por desenvolver o conceito de "*soft power*" (poder suave) e "*hard power*" (poder duro). Ele argumenta que a projeção internacional de um país não se baseia apenas em seu poder militar (*hard power*), mas também em sua capacidade de influenciar e atrair outros países por meio de sua cultura, valores e política externa (*soft power*). Para Nye, o poder suave é uma forma essencial de projeção internacional no mundo contemporâneo.

Quadro 5 - tipologias de poder em Nye



Fonte: NYE (2004)

Anos antes, Robert Keohane, em seu trabalho conjunto com Joseph Nye (KEOHANE e NYE, 1989), tratou sobre interdependência complexa. Os autores destacam que a projeção internacional dos países pode ser amplamente influenciada por redes de instituições internacionais e relações econômicas interdependentes. Essas redes criam interligações que podem aumentar ou diminuir a capacidade de um país exercer influência em questões globais.

Em 1989, quando se completava o bicentenário da Revolução Francesa, o cientista político estadunidense Francis Fukuyama publicava seu famoso artigo intitulado “O fim da história?” na revista *The National Interest*. No texto, Fukuyama defendia a ideia que a difusão mundial das democracias liberais e do livre capitalismo de mercado estavam sinalizando o fim da evolução sociocultural da humanidade. Com a repercussão do texto, entretanto, ele publicaria o livro “O fim da história e o último homem” três anos mais tarde, onde expandia essas ideias.

No livro (FUKUYAMA, 2016), ele afirmava que as reformas de abertura que se via na então União Soviética e no Leste Europeu, além da propagação da cultura do consumo em escala mundial, marcava a vitória do mundo capitalista. De forma indireta, Fukuyama discutia o papel das democracias liberais e da economia de mercado na projeção internacional dos países. Ele argumenta que, no longo prazo, os países que adotam esses princípios têm mais probabilidade de alcançar sucesso e influência no cenário mundial.

Quadro 6 - Mapa das civilizações de Huntington



Fonte: HUNTINGTON (1996)

Já Samuel P. Huntington (1996) é conhecido por suas teorias sobre o choque de civilizações. Ele sugere que a projeção internacional de um país está intimamente ligada à sua civilização e identidade cultural. Segundo ele, as principais civilizações são unidades significativas nas relações internacionais e podem exercer influência de acordo com seus valores e interesses compartilhados.

1.4 Estratégias de projeção internacional

Na era globalizada, as estratégias de projeção internacional desempenham um papel fundamental para aumentar a influência e a presença de países no cenário mundial. Entre as estratégias mais utilizadas, destacam-se o turismo, os esportes, a indústria cultural e os eventos. Essas estratégias não apenas promovem a imagem de um país, mas também fortalecem laços diplomáticos, impulsionam a economia e atraem investimentos externos.

1.4.1. Turismo

O turismo é uma estratégia eficiente, pois permite que os visitantes experimentem em primeira mão a cultura, a história e a beleza natural de um país. Destinos turísticos populares atraem viajantes de todas as partes do mundo, proporcionando oportunidades para interações culturais, disseminação da identidade nacional e promoção de produtos locais. Além disso, o turismo pode estimular o desenvolvimento de infraestrutura, impulsionar a economia local e criar empregos, fortalecendo a imagem positiva do país no exterior.

O turismo desempenha um papel essencial na projeção internacional dos países, pois influencia sua reputação, imagem e influência global. O impacto positivo do turismo vai além do aspecto econômico, pois contribui para o fortalecimento das relações internacionais, promoção da cultura e identidade nacional, geração de renda e emprego, desenvolvimento da infraestrutura e melhoria da imagem do país.

Em termos de diplomacia e relações internacionais, o turismo cria laços culturais e pessoais entre nações, promovendo uma melhor compreensão mútua e cooperação. Além disso, ao receber turistas estrangeiros, os países podem demonstrar hospitalidade e amabilidade, refletindo positivamente na sua reputação global.

Através do turismo, os países podem mostrar ao mundo sua riqueza cultural, patrimônio histórico, tradições e gastronomia. Os visitantes têm a oportunidade de experimentar e apreciar esses aspectos, enriquecendo sua percepção sobre o país e criando uma imagem positiva no cenário internacional.

Imagem 1 - Vista da Cidade Velha de Jerusalém (2017)



Fonte: El Al.

Em relação à economia, o turismo é uma das principais fontes de receita para muitos países. Os gastos dos turistas em hospedagem, transporte, alimentação e atividades turísticas impulsionam diversos setores econômicos, gerando empregos e promovendo o crescimento econômico.

O turismo também leva ao desenvolvimento de infraestrutura. Para atender às necessidades dos visitantes, os países frequentemente investem em aeroportos modernos, estradas, hotéis e atrações turísticas. Esses investimentos beneficiam não só os turistas, mas também os residentes locais e o setor comercial em geral.

Além disso, um turismo bem-sucedido fortalece a imagem e a marca do país no cenário mundial. Visitantes que têm experiências positivas compartilham suas histórias e opiniões nas mídias sociais e com outras pessoas, o que influencia a percepção pública sobre o país.

Ademais, o turismo também pode impulsionar a consciência ambiental e cultural, promovendo práticas sustentáveis de turismo que protegem o meio ambiente e preservam o patrimônio cultural de um país.

Imagem 2 - Aeroporto de Tel-Aviv (2020)



Fonte: Tourist Israel

Um dos teóricos que abordaram essa questão é Jafar Jafari (2000), um renomado acadêmico do turismo. Ele argumenta que o turismo é uma forma de diplomacia não governamental, uma vez que permite a interação entre as pessoas além das fronteiras políticas e a construção de pontes culturais. O turismo, de acordo com Jafari, é uma maneira de os países se apresentarem para o mundo e de moldarem sua imagem pública por meio das experiências proporcionadas aos visitantes.

O turismo é muito importante também na projeção internacional de pequenos estados insulares, como Chipre. É uma maneira vital para esses países serem reconhecidos e respeitados

na comunidade internacional. O crescimento do turismo pode impulsionar a economia e elevar o status de um país na arena global, bem como melhorar suas relações com outras nações.

Vários acadêmicos analisam a interseção entre o turismo e as relações internacionais e apontam que o turismo tem um papel relevante no contexto da diplomacia cultural e soft power. Ao exibir suas atrações turísticas, patrimônio cultural e hospitalidade, os países podem conquistar corações e mentes dos turistas, influenciando positivamente a percepção do mundo sobre sua cultura e identidade nacional.

O turismo pode moldar a identidade nacional e até mesmo modificar a imagem de um país ao longo do tempo. Os fluxos turísticos internacionais podem levar à evolução cultural, ao surgimento de novas tendências e ao fortalecimento do orgulho nacional, ajudando a reposicionar um país no contexto global. É uma ferramenta crucial para a projeção internacional dos países. O turismo não é apenas uma atividade econômica, mas também um meio para os países mostrarem sua cultura, história, identidade e valores ao mundo. Ao promover uma imagem positiva, atrair visitantes internacionais e estabelecer laços culturais, o turismo pode desempenhar um papel significativo na influência e reputação de um país no cenário global.

1.4.2. Esportes

Os eventos esportivos internacionais, como Jogos Olímpicos, Copas do Mundo e competições de alto nível, são plataformas ideais para a projeção internacional. Esses eventos atraem a atenção de milhões de espectadores ao redor do mundo, criando oportunidades para que o país anfitrião demonstre sua hospitalidade, cultura e capacidade organizacional. Além disso, o sucesso de atletas nacionais em competições internacionais também fortalece a imagem do país e inspira um senso de orgulho nacional.

Atualmente, observa-se a utilização do futebol como estratégia de *sportswashing* (BLOUGH, 2020), quando um Estado o utiliza com o intuito de melhorar sua imagem pública e desviar o foco de outras questões. É o caso, por exemplo, da Arábia Saudita com a sua liga de futebol e a Copa de 2022, organizada pelo Catar.

A importância do esporte para a projeção internacional dos países tem sido amplamente estudada e discutida por diversos autores e especialistas em sociologia, política, relações

internacionais e cultura. O esporte é considerado uma poderosa ferramenta para aumentar o prestígio, a influência e a imagem positiva de uma nação no cenário global.

Imagem 3 - Copa do Catar (2022)



Fonte: TVE.es

Autores como Nye (2004) argumentam que o esporte é um dos principais meios pelos quais os países podem exercer influência e promover sua cultura e valores no cenário internacional. Eventos esportivos de grande magnitude, como as Olimpíadas ou a Copa do Mundo, atraem a atenção de bilhões de espectadores em todo o mundo, proporcionando uma oportunidade única para os países se apresentarem de maneira positiva e, assim, moldarem a percepção pública global sobre eles.

Através do esporte, os países podem estabelecer laços de cooperação e amizade com outras nações, superando diferenças políticas ou culturais. O espírito esportivo promove a união e o respeito mútuo, criando uma plataforma para a diplomacia esportiva, que pode ser uma forma não tradicional de alcançar objetivos políticos e de relações internacionais.

Assim é importante destacar como eventos esportivos podem ser aproveitados para fins políticos e como o sucesso esportivo de um país pode impactar positivamente sua reputação global. O esporte também pode servir como uma vitrine para a cultura e a identidade nacional. Quando os atletas representam seus países em competições internacionais, eles se tornam embaixadores culturais, mostrando ao mundo o melhor de sua nação. Isso pode estimular o interesse de pessoas de diferentes países em conhecer mais sobre a cultura e a sociedade do país em questão.

Além disso, o esporte pode impulsionar a economia de um país através do turismo esportivo, atraindo visitantes estrangeiros para eventos esportivos e gerando receitas para hotéis, restaurantes e outros setores relacionados.

1.4.3. Indústria Cultural

A indústria cultural, incluindo música, cinema, literatura, moda e artes visuais, é uma ferramenta poderosa para atrair a atenção dos olhos do mundo. Exportar produtos culturais permite que um país compartilhe sua rica herança e valores, criando conexões emocionais e culturais com pessoas de diferentes origens. A indústria cultural também pode impulsionar a economia através do aumento das exportações e do turismo cultural.

De acordo com Dantas (2023b):

A indústria cultural, ou a indústria criativa, são mecanismos de implantação de soft power que buscam viabilizar diálogos com comunidades estrangeiras para o fortalecimento do posicionamento estratégico do Estado dentro do sistema internacional. Vários são os produtos culturais que podem ser convertidos em instrumento de soft power: filmes, atrações musicais, programas de TV, telenovelas, campeonatos esportivos, programas de rádio, livros, discos e até videogames

1.4.4 Eventos

A realização de eventos de grande porte, como exposições, feiras, cúpulas e conferências, tem o poder de atrair a atenção global para um país. Ao sediar esses eventos, uma nação pode mostrar suas capacidades organizacionais, infraestrutura e potencial econômico, criando uma imagem positiva e atraindo investidores e parceiros comerciais. Além disso, eventos culturais e artísticos também possibilitam a promoção da diversidade cultural do país e

estimulam o diálogo intercultural. Para Andrade (2003) e Fortes (2003), o evento é um poderoso instrumento de comunicação dirigida em Relações Públicas.

Existem vários exemplos de eventos que países utilizaram como estratégia de projeção internacional para aumentar sua visibilidade e influência global:

- Exposições Mundiais (Exposições Universais):

Exposições mundiais, como a Expo 2010 em Xangai (China) e a Expo 2015 em Milão (Itália), são realizadas para apresentar conquistas científicas, tecnológicas, culturais e industriais de um país. Esses eventos atraem um grande número de visitantes internacionais e permitem que o país anfitrião demonstre suas inovações e valores.

Imagem 4 - Expo Shanghai (2010)



Fonte: BBC Travel

- Festivais Culturais e Artísticos:

Festivais de cinema de prestígio, como o Festival de Cannes (França) e o Festival de Berlim (Alemanha), atraem a atenção de profissionais da indústria cinematográfica de todo o

mundo. Além disso, festivais de música, como o Festival de Glastonbury (Reino Unido), Tomorrowland (Bélgica), Coachella (Estados Unidos) e o Rock in Rio (Brasil), têm atraído público internacional e se tornaram vitrines para a cultura dos países anfitriões.

Imagem 5 - Festival Glastonbury (2018)



Fonte: We Go Out

- **Cúpulas e Conferências Internacionais:**

Cúpulas de chefes de Estado e conferências internacionais são realizadas para discutir questões globais, políticas e econômicas. Países como Estados Unidos, Alemanha, França e Japão têm sediado importantes cúpulas, como o G7, G20 e cúpulas da ONU, para se posicionar como líderes em questões globais.

- **Desfiles e Celebrações Nacionais:**

Desfiles e celebrações nacionais, como o Dia da Independência ou festivais culturais, podem atrair a atenção internacional para a cultura, tradições e identidade de um país. Por exemplo, o Dia da Bastilha na França e o Dia da Independência nos Estados Unidos e o Dia de los Muertos, no México, são eventos amplamente reconhecidos e observados em todo o mundo.

Imagem 6 - Comemoração dos 230 anos da Queda da Bastilha (2019)



Fonte: G1

- **Bienais de Arte:**

Bienais de arte, como a Bienal de Veneza, Bienal do Mercosul e eventos culturais, como o Festival de Edimburgo, atraem artistas e espectadores de todo o mundo, destacando a riqueza cultural e criativa de seus países anfitriões.

Imagem 7 - Bienal de Veneza (2022)



Fonte: Casacor

- 6. Eventos de Carnaval e Festivais Tradicionais:

Países como o Brasil, com seu famoso Carnaval, e o Japão, com o Festival Gion em Kyoto, utilizam eventos tradicionais para compartilhar sua cultura e costumes com o mundo.

Em conclusão, eventos, turismo, esportes e indústria cultural são estratégias valiosas de projeção internacional, pois ajudam a construir uma imagem positiva e atraente de um país, aumentando sua influência global e abrindo portas para oportunidades diplomáticas, comerciais e de investimento. Essas abordagens devem ser complementadas com políticas éticas e responsáveis, para garantir que a projeção internacional seja construtiva e benéfica tanto para o país anfitrião quanto para o mundo em geral.

Outro marco importante na Diáspora judaica foi o domínio romano. Após várias revoltas judaicas contra o Império Romano a cidade de Jerusalém foi conquistada, o Segundo Templo foi destruído, e muitos judeus foram exilados, vendidos como escravos ou espalhados por várias províncias romanas.

A dispersão judaica continuou ao longo dos séculos, chegando a quase todas as partes do mundo conhecido. Na Diáspora, os judeus estabeleceram comunidades em várias cidades importantes, como Alexandria, Roma e Constantinopla. Cada comunidade desenvolveu suas próprias tradições culturais e religiosas, ao mesmo tempo em que mantinha um senso de identidade comum como povo judeu (GOODMAN, 2020).

Durante a Idade Média, os judeus enfrentaram períodos de prosperidade e tolerância, mas também de perseguição e segregação. As Cruzadas, a Inquisição Espanhola e vários *pogroms* trouxeram sofrimento e instabilidade para as comunidades judaicas em toda a Europa. No entanto, apesar das dificuldades, os judeus desempenharam papéis importantes em muitas áreas, incluindo comércio, medicina, filosofia e matemática.

A Diáspora também teve um impacto significativo na evolução do judaísmo. Sem um templo central em Jerusalém, o judaísmo tornou-se uma religião mais baseada na sinagoga e na Torá. Isso levou ao desenvolvimento de diferentes tradições e interpretações

Hoje, a Diáspora judaica continua a ser uma parte essencial da história e identidade judaica. Existem comunidades judaicas em quase todos os países, cada uma contribuindo para a diversidade cultural e intelectual global. A Diáspora também desempenhou um papel importante na preservação da cultura judaica, da língua hebraica e das tradições religiosas ao longo dos séculos.

Em resumo, a Diáspora do povo judeu é um fenômeno histórico de grande relevância e complexidade, moldando a identidade judaica ao longo de milênios e deixando um impacto significativo na história e na cultura mundial. Nos séculos XIX e XX, a Diáspora judaica começou a vivenciar mudanças com o surgimento do movimento sionista. O sionismo defendia o retorno dos judeus à sua antiga terra e a criação de um Estado judeu moderno. Assim, muitos judeus da Diáspora migraram para a Terra Prometida, mas outros também permaneceram enraizados em suas comunidades espalhadas pelo mundo.

2.2 A fundação do país

A fundação do Estado de Israel em 1948 foi um marco histórico significativo não apenas para o povo judeu, mas também para a comunidade internacional. O estabelecimento deste Estado foi o resultado de um longo processo de luta, negociação e aspirações políticas que remontam a séculos. Aqui iremos explorar os principais eventos que levaram à criação do Estado de Israel e discutir o seu impacto na região do Oriente Médio.

Para compreender a fundação de Israel, é necessário retroceder no tempo e examinar o contexto histórico em que isso ocorreu. Durante séculos, os judeus foram expulsos e dispersos por várias regiões do mundo, mantendo sua identidade cultural e religiosa, mas sem um território nacional próprio. Em cada lugar com as suas particularidades e motivos, mas o antissemitismo quase sempre se fez presente.

O antissemitismo é uma forma de preconceito e discriminação direcionada especificamente aos judeus, baseada em estereótipos negativos e ódio irracional, e foi fator determinante para o curso desta história. Durante séculos, o antissemitismo foi disseminado em diferentes sociedades, culminando no século XIX com um aumento significativo desse fenômeno. Na Europa, especialmente na França, o antissemitismo ganhou força e se manifestou de várias maneiras, como o que aconteceu no Caso Dreyfus.

O Caso Dreyfus ocorreu na França entre 1894 e 1906 e foi um evento marcante que expôs as profundas raízes do antissemitismo na sociedade francesa. Alfred Dreyfus, um oficial judeu do exército francês, foi falsamente acusado de traição e condenado por espionagem em favor da Alemanha. A falsa acusação contra Dreyfus revelou a existência de um forte preconceito antissemita nas instituições do país, incluindo o exército e o sistema judiciário (BEGLEY, 2020).

Este caso teve um impacto profundo na comunidade judaica não apenas na França, mas também em todo o mundo. A injustiça sofrida por Dreyfus e a discriminação que ele enfrentou baseada em sua religião geraram uma onda de indignação e mobilização. Theodor Herzl, um jornalista húngaro que cobriu o julgamento de Dreyfus, foi profundamente influenciado pelo caso e começou a falar de Sionismo: o movimento que buscava estabelecer um Estado judeu. O antissemitismo evidenciado no Caso Dreyfus reforçou a necessidade de um território nacional seguro para o povo judeu, onde pudessem viver sem medo de perseguição.

Imagem 8 - Capa do Jornal L'Aurore



Fonte: Imagem 8 na história

A fundação do Estado de Israel pode ser entendida como uma resposta direta ao antissemitismo e à perseguição enfrentada pelos judeus. O sionismo ganhou força no final do século XIX e tinha como objetivo estabelecer um Estado judeu, baseado no reconhecimento da necessidade de um refúgio nacional para este povo. O Caso Dreyfus e o antissemitismo generalizado na Europa forneceram um contexto significativo para a busca desse objetivo.

O sionismo ganhou força à medida que mais judeus sentiam a necessidade a necessidade de um lar nacional seguro, especialmente diante da crescente discriminação e perseguição que enfrentavam em muitos países. Durante a Primeira Guerra Mundial, a Palestina era uma

província do Império Otomano, que foi derrotado pelas forças britânicas. O Reino Unido, por meio da Declaração de Balfour em 1917, expressou apoio ao estabelecimento de um "lar nacional para o povo judeu" na Palestina.

No período entre as duas guerras mundiais, como nos conta Hobsbawn (1995), ocorreu um aumento significativo no número de imigrantes judeus na Palestina, o que gerou tensões crescentes entre a comunidade judaica e a população árabe local. Essas tensões se intensificaram após a Segunda Guerra Mundial, quando o Holocausto revelou a magnitude do antissemitismo e a necessidade urgente de um refúgio seguro para os sobreviventes.

Em 1947, a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou o Plano de Partilha da Palestina, que propôs a criação de dois Estados independentes: um judeu e um árabe. Os líderes sionistas aceitaram o plano, mas os líderes árabes o rejeitaram, argumentando que era injusto e violava os direitos do povo árabe. Isso levou a uma guerra entre as comunidades judaica e árabe na Palestina.

De acordo com Martin Gilbert (2010), em 14 de maio de 1948, David Ben-Gurion, líder sionista e presidente da Agência Judaica, proclamou a independência do Estado de Israel. Esta proclamação foi seguida pela invasão de países árabes vizinhos, que se opuseram à criação de Israel. A guerra resultante, conhecida como a Guerra de Independência, durou cerca de um ano e terminou com acordos de armistício entre Israel e os países árabes.

Imagem 9 - Declaração de independência de Israel



Fonte: Center for Israel Education

A fundação do Estado de Israel teve um impacto significativo na região do Oriente Médio e continua a moldar as relações entre Israel e seus vizinhos até os dias atuais. A criação de Israel proporcionou um lar nacional para o povo judeu, cumprindo o objetivo do movimento sionista. No entanto, também gerou deslocamento e sofrimento para os palestinos, que se tornaram refugiados em países vizinhos.

Desde então, Israel tem enfrentado desafios constantes em relação à segurança e à busca de uma paz duradoura com seus vizinhos árabes. Conflitos armados, negociações de paz interrompidas e tensões políticas têm sido uma parte central da história do Estado de Israel. O status de Jerusalém, a questão dos assentamentos e o direito dos palestinos à autodeterminação continuam sendo fontes de controvérsia e impasse nas negociações de paz.

A oficialização da criação do Estado em 1948 pode ser considerada uma conquista tanto do sionismo quanto como uma resposta à necessidade urgente de proteção e segurança para os judeus. O Holocausto, que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, revelou a magnitude do antissemitismo e a necessidade crítica de um refúgio seguro para os sobreviventes judeus. A tragédia do Holocausto aumentou ainda mais a determinação em estabelecer o Estado de Israel como um lar nacional para o povo judeu, proporcionando autodeterminação e segurança. No entanto, também gerou conflitos e desafios contínuos na região do Oriente Médio. O caminho para uma paz duradoura na região ainda é um objetivo a ser alcançado, com a necessidade de negociações significativas e compromisso de todas as partes envolvidas.

2.3 A Lei do Retorno

A Lei do Retorno foi promulgada em 5 de julho de 1950, logo após a criação do Estado de Israel, e estabelece o direito de qualquer judeu, de acordo com os critérios da lei, a imigrar para Israel e obter cidadania israelense automática. Essa lei foi criada com o objetivo de facilitar o retorno dos judeus à sua terra ancestral e garantir o abrigo e proteção do Estado de Israel para os judeus que enfrentavam perseguições em outros lugares do mundo.

Os principais critérios para se qualificar sob a Lei do Retorno são o critério da ascendência judaica até a terceira geração ou ser casado com uma pessoa judia. Além disso, a lei também abrange pessoas que se convertem ao judaísmo, desde que a conversão seja reconhecida por autoridades rabínicas israelenses.

Imagem 10 - Jovens judeus desembarcando em Israel



Fonte: Menorah Brasil

A Lei do Retorno é uma parte central da política de imigração de Israel e desempenhou um papel crucial na formação da sociedade israelense, uma vez que muitos judeus de diferentes partes do mundo decidiram imigrar para Israel com base nessa lei. Isso resultou em uma nação diversificada, onde pessoas com diferentes origens culturais e históricas se uniram em torno da identidade judaica e da construção do Estado de Israel.

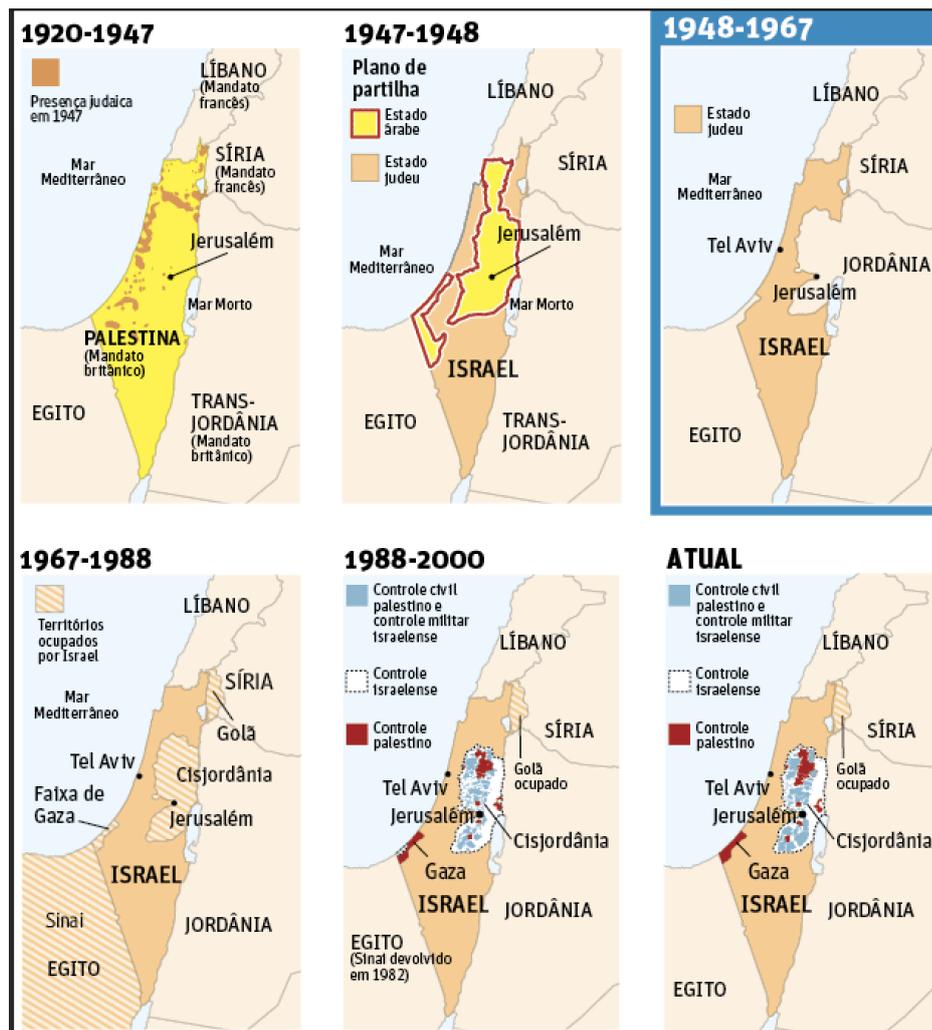
No entanto, é importante notar que a Lei do Retorno também tem sido objeto de debate e críticas. Alguns argumentam que a lei pode criar desigualdades e tensões entre a população judaica e a minoria árabe-israelense, que representa cerca de 20% da população do país. Além disso, a questão da imigração judaica versus o direito de retorno dos palestinos, que foram deslocados após a guerra de 1948 que levou à criação de Israel, é um tema altamente controverso.

2.4 Questões geopolíticas com os países árabes

As questões geopolíticas entre Israel e os países árabes têm sido um tema complexo e altamente contencioso ao longo das décadas. Esses conflitos e tensões têm raízes históricas profundas e estão enraizados em diferentes narrativas, interesses e aspirações políticas na região do Oriente Médio.

A criação do Estado de Israel em 1948, após o fim da Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, foi um marco divisor para os judeus, que buscavam um local seguro e soberano para chamar de seu. No entanto, a formação de Israel ocorreu às custas dos territórios que eram habitados por árabes palestinos, o que gerou uma profunda sensação de injustiça e deslocamento entre a população árabe da região (GILBERT, 2010).

Imagem 11 - Mapas de Israel e Palestina ao longo da história

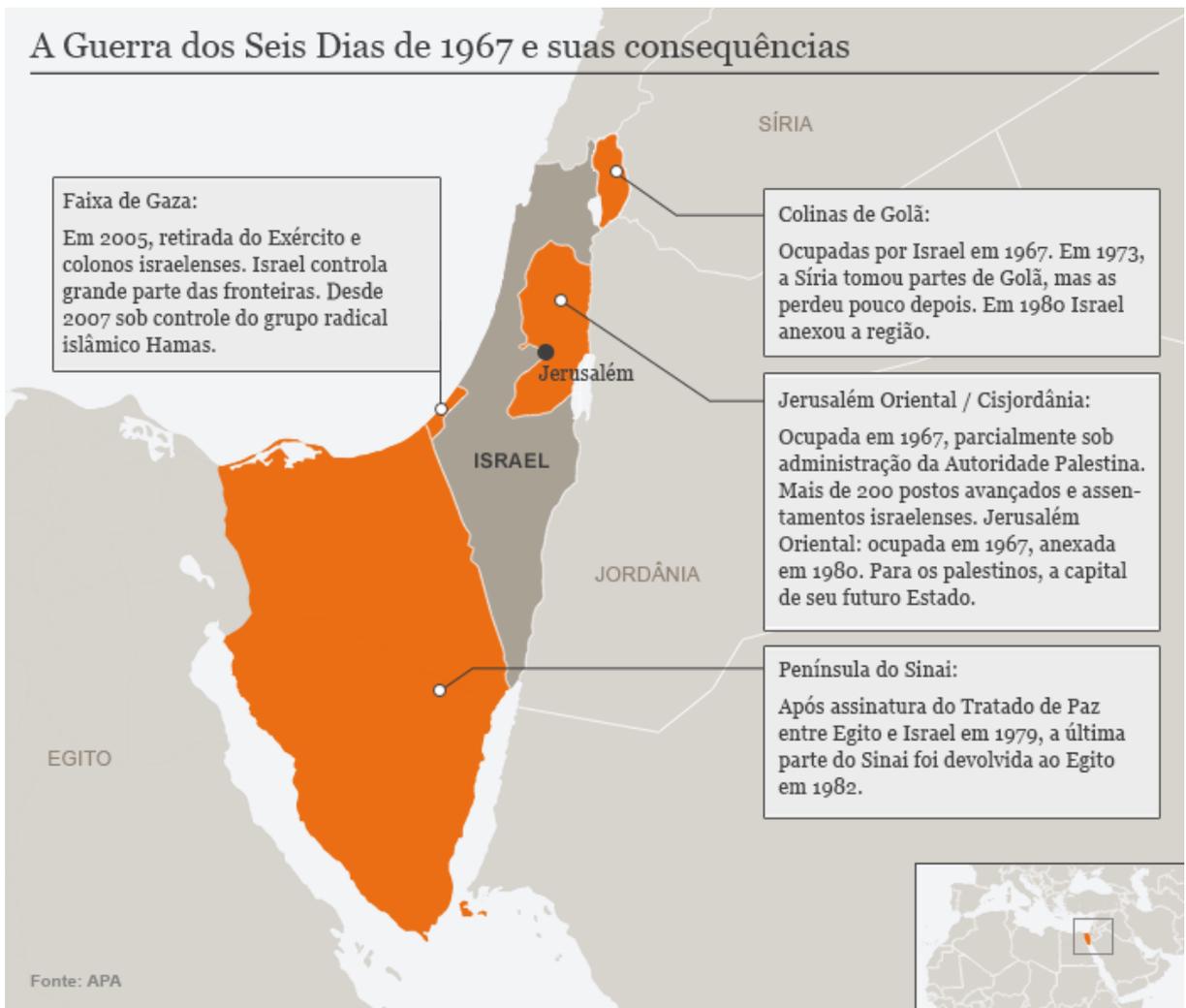


Fonte: Boitempo

Desde então, uma série de conflitos e guerras entre Israel e os países árabes vizinhos, como Egito, Jordânia, Síria e Líbano, têm ocorrido. O conflito israelense-palestino tem sido uma questão central nesses confrontos, com a luta pela autodeterminação e o estabelecimento de um Estado palestino como principal ponto de discórdia.

De acordo com Michael Oren (2004), a Guerra dos Seis Dias, em 1967, foi um momento crucial nesse contexto geopolítico. Israel lançou um ataque preventivo contra seus vizinhos árabes, conquistando territórios significativos, incluindo a Península do Sinai, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e as Colinas de Golan. Essas conquistas territoriais exacerbaram ainda mais as tensões e criaram novos desafios para a paz regional.

Imagem 12 - A Guerra dos Seis Dias



Fonte: Deutsch Welle

Para Shapira (2018), a questão dos assentamentos israelenses nos territórios ocupados também tem sido um obstáculo para a resolução do conflito. Israel tem construído assentamentos em terras palestinas, o que é considerado ilegal pela comunidade internacional e tem sido motivo de forte condenação por parte dos países árabes e de outros países ao redor do mundo. Isso dificulta ainda mais a possibilidade de uma solução negociada e duradoura.

A mediação internacional tem desempenhado um papel importante nesse cenário geopolítico complexo. Várias iniciativas, como os Acordos de Camp David em 1978, o processo de paz de Oslo em 1993 e os esforços liderados pela Organização das Nações Unidas (ONU), têm buscado encontrar uma solução para o conflito e promover a coexistência pacífica entre Israel e os países árabes.

Recentemente, houve desenvolvimentos significativos, como os Acordos de Abraham em 2020, que normalizaram as relações entre Israel e alguns países árabes, como os Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Sudão e Marrocos. Esses acordos foram vistos como um passo positivo em direção à estabilidade regional, mas também geraram controvérsias e divisões entre os países árabes.

Imagem 13 - Acordos de Abraham (2020)



Fonte: Folha de São Paulo

Este é um tema profundamente complexo e carregado de história, religião, identidade e disputas territoriais. A busca por uma solução justa e duradoura para o conflito israelense-palestino continua sendo uma questão de importância internacional, e por esta razão a imprensa mundial está sempre atenta ao que acontece na região.

2.5 Crises de imagem internacional

Como resultado de seu contexto geopolítico complexo e das controvérsias relacionadas ao conflito israelo-palestino, Israel tem enfrentado diversas crises de imagem internacional ao longo dos anos. Essas crises têm desafiado a reputação do país e dificultado seus esforços para se apresentar de forma positiva à comunidade internacional.

Uma crise de imagem é ocasionada por um ou mais eventos negativos envolvendo um país. Sobre esse conceito, Rosa (2001, p. 21) diz que:

A melhor definição é de que a crise de imagem constitui um conjunto de eventos que pode atingir o patrimônio mais importante de qualquer entidade ou personalidade que mantenha laços estreitos com o público: a credibilidade, a confiabilidade, a reputação.

Por outro lado, Torquato (1998, p. 273) define crise de imagem da seguinte forma:

Crise é o desequilíbrio de um sistema. A palavra indica certo grau de desordem. Na acepção grega, o termo comporta planos diversos: conjuntura perigosa, momento decisivo, sentença, escolha, justiça, castigo, pena. Trata-se de um dos termos mais recorrentes para significar que "as coisas estão fora do prumo.

Uma das principais fontes de controvérsia que geram a crise de imagem internacional para o Estado de Israel é o conflito de longa data entre Israel e os palestinos. As tensões nessa região remontam a décadas e têm causado sofrimento e perdas para ambos os lados. A imagem de Israel tem sido afetada negativamente por ações militares controversas, como a ocupação de territórios palestinos, a construção de assentamentos considerados ilegais pela comunidade internacional e a resposta desproporcional em certos conflitos armados.

Desde 2001, quando terminou o último governo considerado esquerdista de Israel, essas ações têm gerado ainda mais críticas de organizações de direitos humanos e da comunidade internacional, que acusam Israel de violações dos direitos humanos e do direito internacional. Essas críticas são frequentemente amplificadas pela mídia global, gerando uma imagem negativa do país em relação às questões palestinas.

Além disso, o uso da força por parte de Israel em situações de conflito tem sido amplamente debatido e levanta preocupações sobre a proporcionalidade de suas ações. Incidentes como o bloqueio da Faixa de Gaza e os confrontos violentos na fronteira com a Cisjordânia têm atraído atenção internacional e gerado reações críticas, apesar de as citadas ações poderem comprovar em números reais uma redução significativa na incidência de atentados terroristas.

Além disso, para Ben-Dror Yemini (2020), o ativismo pró-Palestina tem ganhado cada vez mais força em nível global, gerando um maior escrutínio das ações de Israel. Isso inclui campanhas de boicote e desinvestimento contra o país, que visam pressionar por mudanças em suas políticas. Essas campanhas têm afetado a imagem de Israel no cenário internacional e causado preocupações em relação ao seu isolamento diplomático.

Para enfrentar essas crises de imagem, Israel tem buscado se envolver em iniciativas diplomáticas e de relações públicas para apresentar seu lado da história. O país tem enfatizado sua democracia vibrante, inovação tecnológica, contribuições científicas e culturais para o mundo. Além disso, busca destacar a ameaça à sua segurança e a necessidade de medidas defensivas para proteger seus cidadãos.

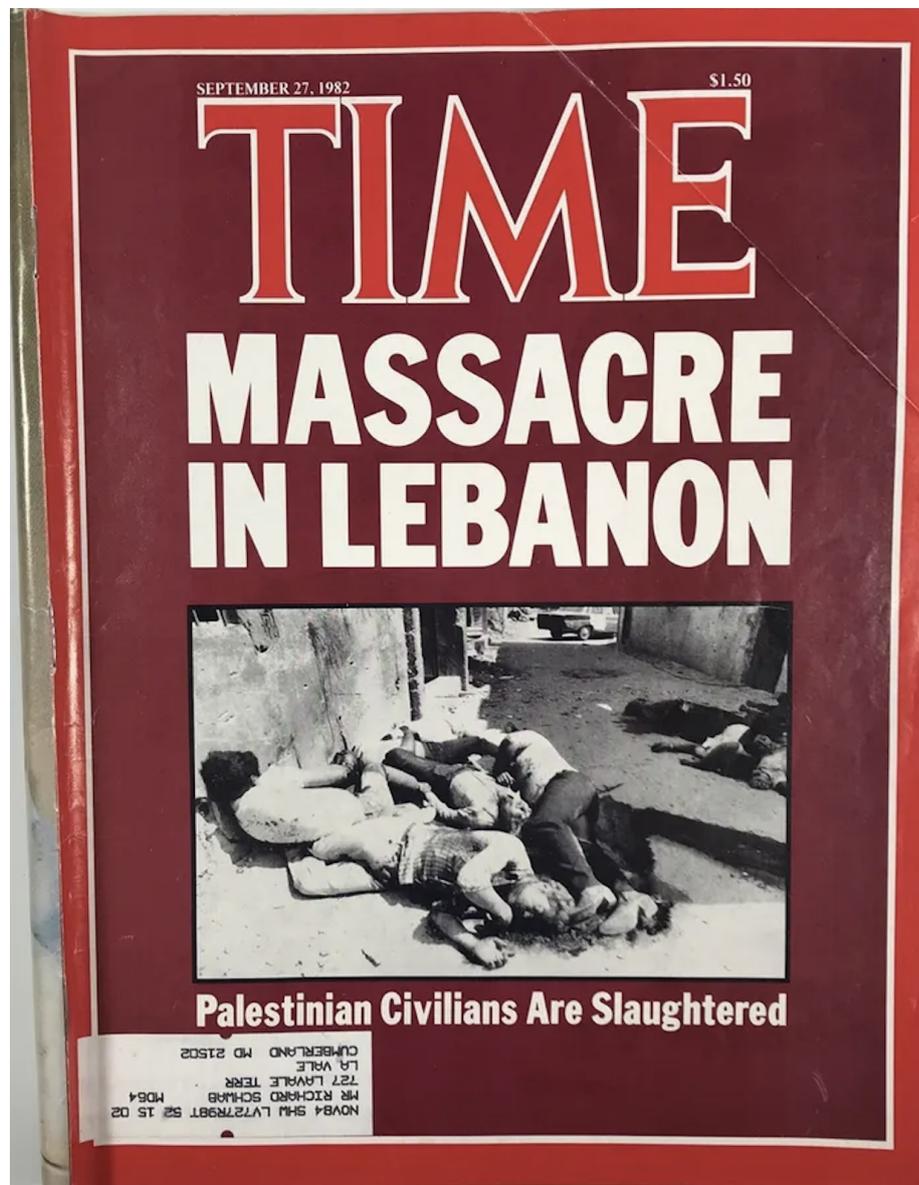
No entanto, superar essas crises de imagem requer mais do que uma estratégia de comunicação eficaz. É essencial um esforço genuíno para promover a paz, buscar soluções negociadas e respeitar os direitos humanos. A construção de confiança mútua e a implementação de medidas concretas que promovam a coexistência pacífica entre israelenses e palestinos são fundamentais para reverter a percepção negativa. Além disso, a transparência em relação às ações do governo israelense e o engajamento em diálogos construtivos com a comunidade internacional também desempenham um papel crucial na superação das crises de imagem.

É importante ressaltar que Israel também possui defensores fervorosos e argumentos legítimos em defesa de suas ações. A complexidade do conflito israelo-palestino exige um entendimento aprofundado das diversas perspectivas envolvidas, bem como a promoção de um diálogo equilibrado e respeitoso.

2.5.1. Sabra e Chatila

O massacre de Sabra e Chatila foi um dos eventos mais trágicos e controversos na história recente do conflito entre Israel e os palestinos. Ocorrido em setembro de 1982, durante a Guerra do Líbano, o episódio chocou o mundo e levantou questionamentos sobre a responsabilidade de Israel em relação a essa terrível tragédia.

Imagem 14 - Capa da Revista Time de setembro de 1982



Fonte: Time Magazine

Para entender o contexto, é importante mencionar que a invasão israelense ao Líbano em 1982 foi uma resposta ao aumento das hostilidades por parte da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), que tinha bases no sul do Líbano, ameaçando a segurança de Israel. O objetivo declarado de Israel era eliminar a ameaça da OLP e instalar um governo amigável no Líbano.

Durante o cerco a Beirute, a capital libanesa, forças israelenses ocuparam áreas próximas aos campos de refugiados palestinos de Sabra e Chatila. Aproveitando-se da situação, as forças israelenses permitiram a entrada de milicianos cristãos falangistas libaneses nos campos. Essas milícias tinham uma longa história de hostilidade em relação aos palestinos e estavam sedentas por vingança após o assassinato do seu líder, Bachir Gemayel, que ocorreu dois dias antes do massacre.

Por três dias, os milicianos falangistas cometeram assassinatos em massa, estupros e torturas contra os habitantes dos campos de refugiados, principalmente mulheres, crianças e idosos. Estima-se que milhares de pessoas tenham sido mortas.

A questão crucial que surge é a responsabilidade de Israel nesse massacre. Embora não tenham sido diretamente responsáveis pelos atos cometidos pelos milicianos, há fortes indícios de que as forças israelenses foram negligentes ao permitir o acesso dos falangistas aos campos. Além disso, muitos sobreviventes relataram que os soldados israelenses observaram passivamente os acontecimentos, sem intervir para deter os massacres.

O massacre de Sabra e Chatila provocou indignação em todo o mundo e desencadeou uma série de protestos e críticas contra Israel. A comunidade internacional exigiu investigações sobre a responsabilidade de Israel e das milícias pelos crimes cometidos. O massacre de Sabra e Chatila chocou o mundo e muitos em Israel. De acordo com Martin Gilbert (2010, p. 583), a opinião pública em Israel nunca se expressou mais intensamente do que durante o andamento e depois do fim da Guerra do Líbano. Houve seguidas manifestações e contramanifestações".

Em 1983, uma comissão israelense de inquérito, conhecida como a Comissão Kahan, concluiu que as autoridades israelenses tinham sido "indiretamente responsáveis" pelo massacre de Sabra e Chatila, citando negligência grave em seu dever de proteger os civis. Como resultado, o então Ministro da Defesa israelense, Ariel Sharon, foi considerado "pessoalmente responsável" e foi forçado a renunciar.

2.5.2. Incursões em Gaza

As incursões israelenses em Gaza tiveram um impacto significativo na imagem institucional de Israel ao longo dos anos. Esses eventos, caracterizados por conflitos e violência, moldaram a percepção global sobre o país e geraram debates intensos sobre sua política de segurança e tratamento aos palestinos. Para entender a influência dessas incursões, é essencial analisar alguns dos principais pontos que contribuíram para a mudança da imagem de Israel no cenário internacional.

As frequentes ações militares em Gaza, com ataques aéreos e terrestres que resultaram em baixas civis, provocaram uma percepção de que Israel estava sendo agressivo e não se preocupava com a segurança dos palestinos. A mídia internacional muitas vezes mostrava imagens impactantes de vítimas civis, o que levava a uma narrativa de desproporcionalidade na resposta israelense aos ataques (SHAPIRA, 2018)

As operações geraram acusações de violações dos direitos humanos por parte de Israel, com organizações internacionais e ativistas argumentando que a resposta militar israelense frequentemente causava um sofrimento desproporcional à população civil. Essas críticas alimentaram uma imagem negativa de Israel como um Estado que supostamente não respeitava os princípios fundamentais dos direitos humanos.

Imagem 15 - Bombardeios em Gaza



Fonte: Isto é

Muitas vezes estas ações levaram a uma deterioração das negociações de paz entre Israel e os palestinos. A falta de progresso no processo de paz e a retórica belicosa durante os conflitos resultaram em acusações mútuas, dificultando ainda mais a construção de uma imagem positiva de Israel como um parceiro confiável em futuras negociações.

A política interna em Israel também foi afetada pelas incursões em Gaza. Houve um aumento da polarização entre aqueles que apoiavam uma postura mais dura em relação aos palestinos e aqueles que buscavam uma abordagem mais conciliatória. Essa divisão interna gerou debates acalorados e, em alguns casos, criou uma imagem de um país dividido e incapaz de resolver suas questões de forma pacífica.

À medida que a percepção negativa de Israel se intensificava devido às incursões em Gaza, o apoio internacional ao país também declinava. Nações e organizações internacionais passaram a pressionar Israel por uma mudança de política e abordagem em relação aos palestinos, o que afetou sua posição no cenário global e suas relações diplomáticas.

É importante ressaltar que a imagem institucional de Israel não é homogênea e varia de acordo com diferentes públicos e contextos. Algumas pessoas e países continuam a apoiar Israel, enxergando-o como uma democracia em uma região instável e cercada por ameaças. Porém, as incursões em Gaza geraram uma imagem mais complexa e contraditória, que influenciou negativamente a percepção do país em muitas partes do mundo.

2.5.3. Operações Malsucedidas do Mossad

O Mossad é o Serviço Secreto de Israel, e de acordo com Bergman (2020), embora seja conhecido por sua eficiência em muitas operações de inteligência, também enfrentou algumas falhas notáveis que tiveram impacto na imagem de Israel no cenário internacional. A seguir, destaca-se algumas dessas operações malsucedidas e seus efeitos

Operação Lillehammer (1973):

Uma das operações mais infames do Mossad ocorreu na Noruega, quando agentes israelenses assassinaram erroneamente um cidadão marroquino chamado Ahmed Bouchiki, confundindo-o com um membro da organização terrorista Setembro Negro. Esse incidente gerou uma reação negativa da comunidade internacional, questionando as táticas utilizadas pelo Mossad e alimentando percepções de que Israel estava disposto a violar a soberania de outros países em busca de seus objetivos.

Imagem 16 - Operação Lillehammer



Fonte: Die Welt

Atentado à embaixada israelense em Londres (1994):

O Mossad foi acusado de tentar assassinar o líder do Hamas, Khaled Mashal, em solo britânico usando agentes disfarçados que utilizaram toxinas para executar o plano. A operação foi mal executada, e os agentes israelenses foram capturados pelas autoridades britânicas, o que gerou uma crise diplomática entre Israel e o Reino Unido, além de desgastar a imagem de Israel como um país respeitador das leis internacionais.

Fraude de passaportes (2010):

Em uma operação para matar um líder do Hamas em Dubai, o Mossad usou identidades falsas, incluindo passaportes de cidadãos israelenses e de outros países, o que foi descoberto pelas autoridades dos países envolvidos. Essa revelação causou indignação e constrangimento em várias nações, resultando em protestos e pedidos de medidas punitivas contra Israel.

Essas operações malsucedidas do Mossad tiveram um impacto negativo na imagem de Israel. Evidenciaram falhas em planejamento, execução e ética, o que abalou a confiança de alguns países em relação às ações de Israel no cenário internacional. As críticas se concentraram em questões de legalidade, violação de soberania nacional e respeito aos direitos humanos.

Além disso, essas operações reforçaram a narrativa de que Israel é um Estado que recorre a medidas extremas e antiéticas para alcançar seus objetivos de segurança, o que prejudica sua imagem como um ator confiável e responsável no cenário global.

No entanto, é importante notar que essas operações são apenas alguns exemplos e não representam toda a atividade do Mossad. Assim como outras agências de inteligência em todo o mundo, o Mossad teve sucessos significativos em suas missões, que muitas vezes permanecem desconhecidos do público. As operações malsucedidas devem ser avaliadas em um contexto mais amplo e não devem obscurecer as contribuições positivas que o Mossad fez à segurança de Israel.

CAPÍTULO 3 - A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM INTERNACIONAL POSITIVA DE ISRAEL

3.1. Estratégias de projeção internacional empreendidas por Israel

Construir uma imagem positiva do Estado de Israel é uma tarefa importante para a sua diplomacia e relações internacionais. Essa imagem positiva não apenas fortalece a posição do país no cenário mundial, mas também ajuda a promover seus valores, culturas e realizações. Com base na definição de relações públicas adotada por Dantas (2016) e após uma revisão bibliográfica - um longo processo de levantamento, análise e descrição de publicações científicas sobre Israel - observou-se que, ao longo do tempo, o país investiu, sobretudo, em quatro estratégias para construção de uma imagem internacional positiva.

3.1.1. Israel como terra santa dos cristãos

O fato de Israel ser considerada a "Terra Santa" para os cristãos têm uma influência significativa na imagem institucional de Israel em várias formas. Isso ocorre devido ao valor histórico e religioso que o país representa para milhões de cristãos em todo o mundo.

A Terra Santa é uma importante atração turística para cristãos, especialmente aqueles que desejam visitar os lugares sagrados mencionados na Bíblia. Isso contribui para o turismo em Israel, gerando receitas e aumentando a visibilidade do país no cenário internacional.

A identificação de Israel como a Terra Santa também pode ter implicações políticas. Muitos líderes cristãos e comunidades em todo o mundo têm interesse e envolvimento com as questões políticas e eventos relacionados a Israel. Isso pode gerar apoio ou controvérsia, dependendo das perspectivas políticas e religiosas das pessoas envolvidas. Esse status também pode influenciar as relações diplomáticas com países de maioria cristã ou com governos que se baseiam em princípios religiosos cristãos. Isso pode levar a uma maior compreensão ou cooperação entre Israel e essas nações.

Ao ser visto como um destino religioso importante para os cristãos, Israel pode ser percebido como um país que valoriza a liberdade religiosa e respeita as crenças dos outros. Isso pode melhorar a imagem de Israel em termos de tolerância religiosa e pluralidade. Por outro lado, também pode agravar os conflitos e tensões religiosas na região. Lugares sagrados são muitas vezes alvo de disputas e podem levar a atritos entre grupos religiosos. A sensibilidade

cultural e religiosa torna a gestão desses locais extremamente delicada e pode afetar a percepção do país no cenário internacional.

O próprio Nye (2004), de forma indireta, enxerga a religião como parte integrante de um determinado país que pode ser convertida em soft power, pois a religião tem a capacidade de influenciar não só o comportamento das pessoas como também dos outros atores do sistema internacional. De acordo com o referido cientista político estadunidense:

Se eu estou bem certo de ir junto em favor dos seus propósitos, sem qualquer ameaça explícita ou troca ocorrendo - em suma, se o meu comportamento é determinado por uma observável, mas intangível atração - soft power está operando. O soft power usa um diferente tipo de moeda, não a força, nem o dinheiro - para gerar cooperação. Ele usa uma atração para os valores partilhados, e a justiça e o dever de contribuir para a realização desses valores. (NYE, 2004, p. 17).

3.1.2. Uma bolha colorida no meio do Oriente Médio

A comunidade LGBTQIA+ em Israel tem enfrentado desafios e conquistas ao longo dos anos, e sua relação com a imagem institucional do país é complexa. Israel é conhecido por ser um dos países mais progressistas do Oriente Médio, mas também há questões e críticas importantes a serem consideradas.

Em comparação com muitos outros países da região, Israel possui uma legislação mais favorável aos direitos LGBTQIA+¹. A homossexualidade foi descriminalizada em Israel em 1988, e a idade de consentimento para relações homossexuais é a mesma que para relações heterossexuais. Além disso, a comunidade LGBTQIA+ tem o direito de servir abertamente nas Forças de Defesa de Israel (IDF), e o país reconhece as uniões civis de casais do mesmo sexo para fins de benefícios legais.

Tel Aviv, em particular, é conhecida por ser uma cidade acolhedora e vibrante para a comunidade LGBTQIA+². A Parada Livre de Tel Aviv, celebrada anualmente, é uma das

¹ Alguns críticos acusam Israel de usar a imagem de apoio aos direitos LGBTQIA+ como uma forma de desviar a atenção das questões controversas relacionadas aos direitos humanos. Eles argumentam que, embora Israel possa ser mais progressista do que muitos de seus vizinhos, a promoção de seus avanços LGBTQIA+ não deve ser usada para obscurecer outras preocupações sérias.

² Apesar dessas conquistas, existem críticas direcionadas ao governo israelense em relação aos direitos LGBTQIA+. Muitos ativistas argumentam que a imagem progressista projetada pelo país, especialmente internacionalmente, nem sempre reflete completamente a realidade vivida pela comunidade em algumas áreas mais conservadoras de Israel. Ainda há desafios a serem enfrentados, como o tratamento de questões de gênero e

maiores do mundo, atraindo visitantes de todo o globo. Essa celebração da diversidade e inclusão tem contribuído para a reputação de Tel Aviv como uma cidade aberta e acolhedora, o que acaba reforçando os valores políticos do Estado de Israel.

Imagem 17 - Parada LGBTQIA+ em Tel Aviv



Fonte: Friedrich Naumann Foundation

Nye (2004, p. 14), ao citar valores políticos, se refere aos princípios nos quais se apoiam as ações internas e externas de uma nação:

Os valores que um governo defende no seu comportamento interno (por exemplo, democracia), nas instituições internacionais (trabalhando com outros), e nas políticas externas (promovendo paz e direitos humanos) afetam fortemente as preferências de outros. Governos podem atrair ou afastar pela influência de seus exemplos.

identidade de gênero, além de enfrentar a discriminação e o preconceito em determinadas partes mais conservadoras da sociedade israelense.

Dessa forma, ao promover a democracia e os direitos humanos, com defesa pública da diversidade social, cultural e de gênero, Israel se apresenta como um país que valoriza a liberdade e a justiça - o que acaba gerando uma imagem positiva do país, sobretudo no Ocidente.

3.1.3. Memórias da Shoá

As memórias da Shoá³, também conhecida como o Holocausto, têm um impacto profundo na construção da imagem de Israel, tanto internamente quanto na percepção internacional do país. A Shoá representa um dos eventos mais traumáticos e devastadores da história judaica, onde cerca de seis milhões de judeus foram assassinados pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

A Shoá desempenhou um papel significativo no movimento sionista e na justificativa para o estabelecimento de um estado judaico na Palestina, o que culminou com a Declaração de Independência de Israel em 1948 (SHAPIRA, 2018).

De acordo com Gilbert (2010), a ideia de um lar nacional seguro para os judeus após o Holocausto ganhou maior apoio e simpatia internacionalmente devido à memória do sofrimento enfrentado pelos judeus durante a Shoá.

A história de sobrevivência e resistência dos judeus é frequentemente usada como um símbolo de força e determinação. Essa narrativa é incorporada à imagem de Israel como uma nação que emergiu das cinzas do Holocausto e foi capaz de superar adversidades. A memória da Shoá é uma parte importante da identidade judaica contemporânea. Para muitos judeus, especialmente aqueles com conexões históricas com Israel, o Holocausto serve como uma lembrança dolorosa da importância de um estado judeu como garantia de segurança e proteção. Essas memórias têm sido utilizadas por alguns defensores de Israel para justificar suas políticas de segurança e ações militares, alegando que a existência de um estado judeu é essencial para evitar futuros genocídios e proteger a comunidade judaica (GILBERT, 2010).

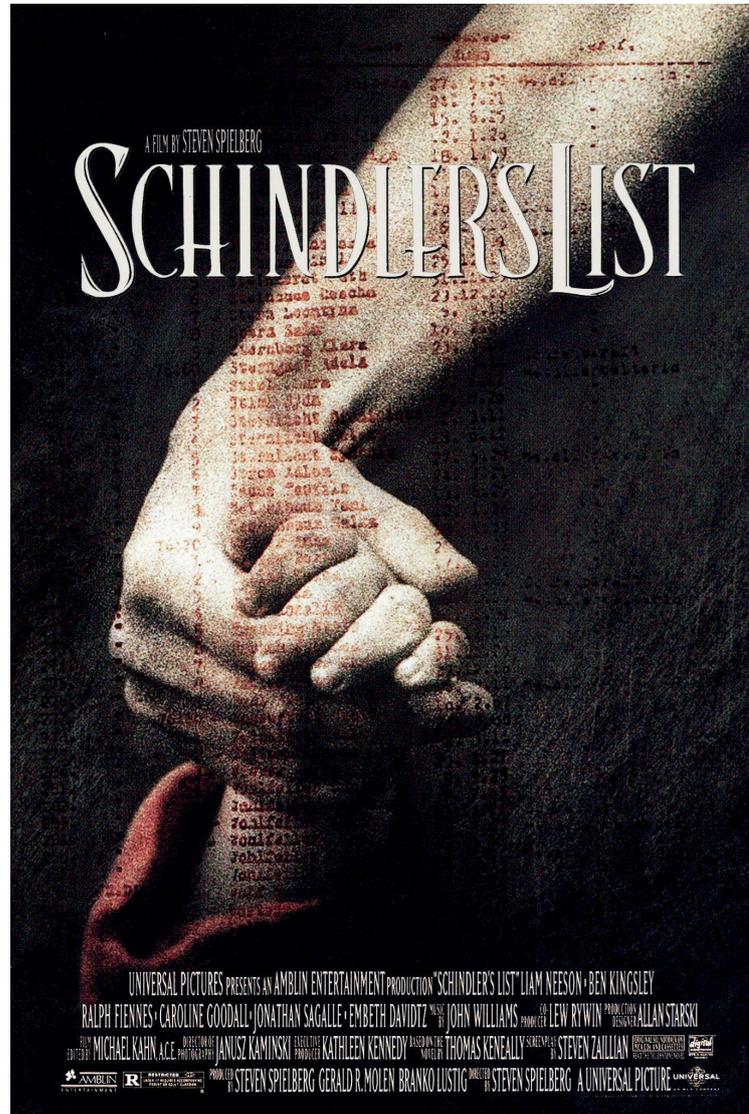
Essa pauta muitas vezes sensibiliza a opinião pública internacional⁴ em relação a Israel, especialmente em momentos de conflito ou críticas à política do governo israelense. Algumas

³ Shoah - palavra hebraica que significa, literalmente, "destruição, ruína, catástrofe" - é o termo utilizado para denominar o fenômeno de destruição sistemática - perseguição, exclusão sócio-econômica, expropriação, trabalho forçado, tortura, ghetoização e extermínio de seis milhões de judeus da Europa (DIVERSITAS, 2023).

⁴ No entanto, é importante ressaltar que a imagem de Israel é complexa e com muitos pontos de vista e não pode ser resumida apenas à memória da Shoá. Israel é um país com diversas perspectivas políticas, sociais e culturais, e a forma como a memória do Holocausto é usada e interpretada varia entre diferentes indivíduos e comunidades. É crucial lembrar que a construção de uma imagem positiva de Israel não deve depender unicamente das histórias

peças podem apoiar ou simpatizar com Israel como uma resposta à tragédia histórica que o povo judeu enfrentou durante a Shoá.

Imagem 18 - Poster do filme "A lista de Schindler" (1993)



Fonte: IMDb

Não por acaso, a Shoá é retratada em várias produções cinematográficas israelenses e estadunidenses, sobretudo com a dirigidas por cineastas de origem judaica. Dantas (2023) defende a ideia de que a indústria cultural é um poderoso mecanismo de implantação de soft power. Em outras palavras, produtos como filmes, atrações musicais, programas de TV,

de sofrimento e perseguições, mas também deve levar em conta os aspectos contemporâneos da sociedade israelense, suas políticas, suas ações no cenário internacional e sua relação com outros povos e nações.

telenovelas, campeonatos esportivos, programas de rádio, livros, discos e até videogames viabilizam diálogos com comunidades estrangeiras, o que acaba fortalecendo a imagem internacional de um país.

3.1.4. Intercâmbios acadêmicos

Os programas de intercâmbio e educação em Israel têm uma grande importância para as relações públicas internacionais do país, pois contribuem para uma maior compreensão mútua, cooperação acadêmica e científica, além de fortalecer laços e promover a diversidade cultural. Esses programas são vitais para criar uma imagem positiva de Israel no cenário global e para a promoção do diálogo intercultural.

De acordo com Mello (2022, p. 26):

O contato cultural é um dos principais meios pelo qual os países se utilizam para combater impressões negativas a seu respeito e criar laços com nações estrangeiras. Um dos instrumentos de soft power mais utilizados, por exemplo, são os intercâmbios acadêmicos em que estudantes ficam imersos na cultura de um país e após seu retorno à terra pátria, promovem imagens positivas do local visitado.

Aguiar e Dantas (2023) afirmam que o intercâmbio é um dos componentes da nova diplomacia pública⁵. Essa prática comumente se refere a projetos patrocinados pelas chancelarias dos Estados, com o intuito de levar formadores de opinião para conhecer o país ou a concessão de bolsas de estudo para estudantes com destacada performance acadêmica. Villanova (2017, p. 67) diz que

A diplomacia de intercâmbio baseia-se no conceito de “líder” ou “multiplicador”. Trata-se de indivíduo conceituado em seu ramo de atividades que é convidado a levar sua experiência pessoal a culturas estrangeiras, na expectativa de que o efeito multiplicador de seu exemplo/depoimento será complementar a outras iniciativas de comunicação para aquele público-alvo.

⁵ "A diplomacia pública [...] trata sobre a influência das atitudes públicas na informação e execução de políticas exteriores. Abarca dimensões de relações internacionais muito além da diplomacia tradicional, o cultivo da opinião pública por parte dos governos, a interação de grupos privados e interesses de um país com os de outro, a informação sobre assuntos externos e seu impacto na política, a comunicação entre aqueles cujo trabalho é a comunicação, assim como entre diplomatas e correspondentes estrangeiros, e os processos de comunicações interculturais" (AZPÍROZ, 2012, p. 14).

Com isso, o Estado de Israel, por meio dos intercâmbios acadêmicos, fortalece a sua imagem e converte seus bolsistas em propagadores dos seus valores pelo mundo, fortalecendo sua imagem internacional.

Além disso, os estudantes internacionais que participam desses programas têm a oportunidade de vivenciar a cultura israelense, bem como a pluralidade e diversidade do país. Isso ajuda a desmistificar estereótipos negativos e apresenta uma imagem mais realista de Israel ao mundo.

Através dos intercâmbios acadêmicos, Israel pode colaborar com estudantes, pesquisadores e acadêmicos de outros países, promovendo a troca de conhecimento, ideias e inovações. Essas parcerias podem resultar em avanços acadêmicos e científicos significativos para ambas as partes, o que contribui para o fortalecimento das relações bilaterais entre Israel e outros países. A experiência positiva dos estudantes durante o intercâmbio cria laços duradouros, o que pode levar a futuras colaborações e acordos em diversas áreas, como comércio, cultura e diplomacia.

A seguir, alguns exemplos de programas oferecidos por Israel:

Programa Masa Israel: É um dos maiores programas de intercâmbio para jovens adultos, oferecendo oportunidades de estudo, estágio e voluntariado em diversas áreas, como ciências, tecnologia, artes, voluntariado social e muito mais. Os participantes vivenciam a cultura israelense, aprendem hebraico e têm a chance de fazer parte da vida cotidiana em Israel. Esse programa contribui para uma maior compreensão cultural e promove a cooperação e amizade entre Israel e outros países.

Bolsas de Estudo para Pós-Graduação em Universidades: Muitas universidades em Israel oferecem bolsas de estudo para estudantes internacionais que desejam cursar mestrado ou doutorado em várias disciplinas. Isso atrai talentos acadêmicos de diferentes países, promovendo a colaboração internacional em pesquisas e estudos avançados.

Programas de Verão em Arqueologia: Israel é uma terra rica em história e arqueologia, e vários programas de verão oferecem oportunidades para estudantes de arqueologia participarem de escavações em locais históricos importantes. Esses programas permitem que os estudantes vivenciem a história de Israel de perto e contribuam para a pesquisa arqueológica.

Programas de Pesquisa em Ciência e Tecnologia: Diversas instituições de pesquisa e universidades em Israel oferecem programas de pesquisa para estudantes internacionais interessados em ciência e tecnologia. Isso ajuda a promover a inovação e a colaboração em campos como inteligência artificial, ciências da computação, biotecnologia e mais.

Considerações finais

O Estado de Israel, desde sua fundação, enfrentou inúmeros desafios que afetaram sua imagem internacional. Questões históricas e culturais, como o conflito com os palestinos, a diáspora judaica e a diversidade étnica e religiosa em seu território, tornam o país um local de significativa complexidade.

O presente trabalho buscou identificar as estratégias de projeção internacional empreendidas por Israel, um país cuja trajetória é intrinsecamente marcada por questões complexas de cultura, história, geopolítica e conflitos de ordem militar.

Para o seu desenvolvimento, foi necessário apresentar o conceito de relações públicas internacionais, algumas de suas abordagens teóricas e as estratégias de projeção internacional mais utilizadas pelos países, para se criar um esboço teórico que desse conta da análise do objeto.

Para a compreensão do que é, afinal, relações públicas internacionais - conceito norteador do trabalho -, foi realizada uma ampla revisão bibliográfica. Além disso, a contextualização histórica e política do Estado de Israel foi fundamental para a compreensão do posicionamento do referido país dentro do sistema internacional, suas faculdades e objeções em construir uma imagem positiva perante a opinião pública internacional.

Ao longo do trabalho ficou patente que o Estado de Israel se utiliza de uma série de estratégias de projeção internacional para fortalecer seu *soft power* e, conseqüentemente, lograr melhores condições de negociação com os vários atores internacionais com o qual o país se relaciona.

O país tem se empenhado em desenvolver estratégias que visam não apenas moldar sua imagem global, mas também estabelecer alianças estratégicas, promover sua cultura e inovação, e influenciar a opinião pública internacional em seu favor. Isso fica claro quando o país investe em intercâmbios acadêmicos, pois a presença de estudantes internacionais em Israel e a interação com estudantes israelenses promovem a diversidade cultural. Além disso, a prática ajuda a promover uma compreensão mais profunda de Israel e criar conexões com jovens estudantes de diferentes partes do mundo.

Uma outra estratégia bem-sucedida é a promoção do turismo religioso - uma forma eficaz de apresentar a diversidade e a riqueza histórica do país. Eventos, festivais, exposições e romarias religiosas fortalecem a ideia de que Israel é uma terra ancestral, berço das três principais religiões monoteístas do mundo. Ademais, estabelecer um diálogo intercultural e inter-religioso com outras culturas e religiões pode ajudar a construir pontes e diminuir as tensões. O estabelecimento de laços positivos com outras nações e comunidades melhoram a imagem de Israel no cenário global.

Ao promover a liberdade de gênero, o país fortalece sua democracia e o respeito pelos direitos humanos. Dessa forma, Israel pode se apresentar como um país que valoriza a liberdade e a justiça.

Já a preservação da memória da Shoah ressalta a força de determinação de um povo que fundou um Estado que emergiu das cinzas do Holocausto e foi capaz de superar adversidades. A memória da Shoá é uma parte importante da identidade judaica contemporânea e um tema que comumente sensibiliza a opinião pública internacional.

Diante do que foi exposto, é inegável que as relações públicas internacionais desempenham um papel crucial na construção da narrativa internacional de Israel. No entanto, é importante reconhecer que o país ainda enfrenta desafios significativos em sua busca por uma imagem positiva e pela compreensão de suas complexidades. Os debates em torno do conflito israelo-palestino, as questões de direitos humanos e a política regional continuam a gerar controvérsia e polarização.

Portanto, à medida que Israel continua a empreender esforços em suas relações públicas internacionais, é imperativo que se mantenha o compromisso com a transparência, a abertura ao diálogo e a busca por soluções pacíficas e sustentáveis para os conflitos existentes. A construção de uma imagem internacional positiva não deve ser dissociada do objetivo maior de promover a estabilidade e a paz na região.

Por fim, espera-se que este estudo instigue os estudantes e pesquisadores das relações públicas internacionais a se interessar em desenvolver novas pesquisas relacionadas à Israel: um país singular.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Brandy; DANTAS Guibson. **A Nova Diplomacia Pública como conceito de interesse das Relações Públicas Internacionais**. In: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2023.

ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. Fundamentos de Relações Públicas Governamentais. In: **Revista Comunicação e Sociedade**. Instituto Metodista de Ensino Superior. Editora Cortez e Morato. Dezembro de 1979, vol. 1, nº 2. p. 18-26.

ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. **Curso de relações públicas: relações com os diferentes públicos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

ARVATI, Mariana Carolina; VENTURA, Acácia de Fátima. Diferenças Culturais e Negociações Internacionais: Brasil e Arábia Saudita. **Revista de Negócios Internacionais**: Piracicaba, 2007.

AZPIROZ, M. L. **Diplomacia pública: el caso de la ‘guerra contra el terror’**. Barcelona: UOC, 2012.

BEGLEY, Louis. **O Caso Dreyfus - Ilha do Diabo, Guantanamo e o Pesadelo da História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BERGMAN, Ronen. **Levante-se e mate primeiro: a história do serviço secreto e dos assassinatos seletivos de Israel**. São Paulo: Record, 2020.

BLOUGH, David. **Sport washing: que sont devenues les valeurs du sport?** Paris: Rue de l'échier, 2020.

BRASIL, Avio Arouca. Relações Públicas Internacionais. **Revista Comunicação e Relações Públicas**. São Paulo: Editora da UNESP, julho de 1997.

CABRAL, Henryque Vargas. **O Twitter como plataforma de relações públicas internacionais do governo ucraniano em tempos de guerra**. Orientador: Guibson Dantas. 2023. 69 f. TCC (Graduação) – Curso de Relações Públicas, Faculdade de Biblioteconomia e

Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/259269>. Acesso em: 3 jul. 2023.

DANTAS, Guibson. **O que é, afinal, Relações Públicas?** In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, 2016, Curitiba. Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul . São Paulo: Intercom, 2016.

DANTAS, Guibson. As Relações Públicas Internacionais como instrumento de política externa brasileira: o caso da Declaração de Teerã. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 21, n. 46, 2022.

DANTAS, Guibson. **Relações Públicas Internacionais: quatro passos para uma reorientação da subárea.** In: XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2023, Campo Grande. Anais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. São Paulo: Intercom, 2023.

DANTAS, Guibson. **Soft Power: tipologia de poder e Relações Públicas Internacionais.** In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na região Norte, 2023, Boa Vista. Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na região Norte. São Paulo: Intercom, 2023b.

DIVERSITAS. **Holocausto e Anti-Semitismo**, 2023. Disponível em: < [https://diversitas.fflch.usp.br/holocausto-e-anti-semitismo#:~:text=Holocausto%20ou%20Shoah%20\(palavra%20hebraica,de%20judeus%20da%20Alemanha%20e](https://diversitas.fflch.usp.br/holocausto-e-anti-semitismo#:~:text=Holocausto%20ou%20Shoah%20(palavra%20hebraica,de%20judeus%20da%20Alemanha%20e) >. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

FORTES, W. G. **Relações públicas: processo, funções, tecnologia e estratégias.** São Paulo: Summus, 2003.

FREITAG, Alan R.; STOKES, Ashli Q. **Global Public Relations: Spanning Borders, Spanning Cultures.** Abingdon: Routledge, 2009.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem.** São Paulo: Rocco, 2016.

SCHAMA, Simon; GARSCHAGEN, D. **A história dos judeus: À procura das palavras de 1000 a. C. a 1492 d.C.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GIDDENS, Anthony. Mundo em descontrolo. 6a ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GILBERT, Martin. **História de Israel**. Lisboa: Edições 70, 2010.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, p. 20-29, 1995.

GOODMAN, Martin. **A história do Judaísmo: A saga de um povo: das suas origens aos tempos atuais**. São Paulo: Crítica, 2020.

GRUNIG, James; FERRARI, Maria Aparecida; FRANÇA, Fábio. **Relações Públicas: teoria, contexto e relacionamentos**. São Paulo: Difusão, 2009.

GRUNIG, J. E.; HUNT, T. **Managing Public Relations**. Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston, 1984.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOFFJANN, Olaf. **Public Relations**. Berlin: UTB, 2020.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. **Power and interdependance**. Illinois: Scott Foresman, 1989.

KLEGER, J. Q. da S. **Comunicação pública e complexidade: uma perspectiva das Relações Públicas como sujeito comunicacional e estratégico no cenário da midiatização**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) –, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 130. 2008.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. São Paulo: Summus, 2003.

KUNSCH, M. Planejamento e gestão estratégica de relações públicas nas organizações contemporâneas - **Artigo UNirevista**, Vol. 1, nº 3, julho 2006. Disponível em <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNirev_Kunsch.PDF>. Acesso em: 12 de julho de 2023.

JAFARI, Jafar (2000). **Introduction**. In: JAFARI, Jafar. Encyclopedia of tourism. Londres: Routledge.

MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: W. W. Norton & Company, 2001.

MELLO, Eduarda. **Cinema e relações públicas internacionais: Bollywood como instrumento de soft power da República da Índia**. Orientador: Guibson Dantas. 2022. 80 f. TCC (Graduação) – Curso de Relações Públicas, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/253650>. Acesso em: 19 jul. 2023.

NYE, Joseph S. **Soft Power: the means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2004.

OREN, Michael B. **Seis Dias De Guerra**. São Paulo: Bertrand, 2004.

PRATT, Cornelius B. Public relations: The empirical research on practitioner ethics. **Journal of Business Ethics**, 10 (3), 1991. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/PRAPRT>. Acesso em: 4 ago. 2023.

QUEIROZ, Vanessa Braz de. **Projeção internacional e regional através dos megaeventos esportivos: Uma análise entre Brasil e Rússia**. Londres: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

RANK, Hugh. **The Pitch: How To Analyze Ads**. 2. Ed. Illinois: The Counter-Propaganda Press, 1991.

ROSA, Mário. **A era do escândalo: lições, relatos e bastidores de quem viveu as grandes crises de imagem**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

SEITENFUS, Ricardo. **Manual das organizações internacionais**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1997.

SHAPIRA, Anitta. **Israel: Uma história**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações Públicas: função política**. 7. ed. São Paulo: Summus, 1995.

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações Públicas e Micropolítica**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2001.

SIMÕES, Roberto Porto. **Informação, inteligência e utopia: contribuições à Teoria das Relações Públicas**. São Paulo: Summus, 2006.

SOUZA, Scarlet Alencastro Vanin Dutra de; TAVARES, Marcelo de Barros. **As Relações Públicas no cenário Internacional**. In: XI Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Abrapcorp), 2017, Belo Horizonte. Anais do XI Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Abrapcorp). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

SRIRAMESH, K.; VERCIC, D. **Relaciones públicas globales: Teoría, investigación y práctica**. Barcelona: UOC, 2012.

TORQUATO, Gaudêncio. **Cultura, poder, comunicação e imagem: fundamentos da nova imprensa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

YEMINI, Ben-Dror. **A indústria de mentiras: a mídia, a academia e o conflito árabe-israelense**. São Paulo: É Realizações, 2020.